

“Só acredito em movimento de massa, saindo das bases, para renovar a política brasileira”

Entrevista com Vladimir Palmeira

Daniel Aarão Reis

Professor titular de história contemporânea da Universidade Federal Fluminense e pesquisador 1A do CNPq. É autor, entre outros livros, de: *A revolução faltou ao encontro; 1968, a paixão de uma utopia; Ditadura e democracia no Brasil; Luis Carlos Prestes, um revolucionário entre dois mundos* e *A revolução que mudou o mundo/Rússia, 1917*. Áreas de especialização: as revoluções socialistas no século XX e a história das esquerdas brasileiras no pós-1945.

Email: daniel.aaraoreis@gmail.com

Pablo Gonzalez

Doutorando no programa de Pós-Graduação em Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenador do Café Cinemaclub, em botafogo, desde 2010, espaço de exibição, estudo e debate em torno de filmes escolhidos coletivamente; coordenador de grupos de estudo em torno das obras “Diferença e Repetição”, “Cinema 1 e 2”, ambas do filósofo francês Gilles Deleuze, e “Matéria e Memória”, de Henri Bergson. Técnico em saúde mental na Casa Hans Staden, onde trabalha com o vídeo como ferramenta. Formado em Cinema com mestrado em Psicologia (tendo apresentado a obra audiovisual “Aventuras de Hans Staden e Arredores”, de autoria própria, na defesa). Formado em Psicomotricidade pelo Instituto Anthropos. Co-editor da Revista Tempo, revista de garagem com tiragem pequena e voltada para discussões em torno da filosofia da diferença e seus arredores clínicos e estético-políticos. Email: pablo7gonzalez@gmail.com

Alice Melo

Jornalista e doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi repórter e editora do site da Revista de História da Biblioteca Nacional; hoje, é pesquisadora e editora de conteúdo do Memória Globo. Email: meloalice1@gmail.com

Nelson Moreira

Jornalista, formado em 1983 pela Escola de Comunicação da UFRJ, mestre em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação da Uerj e doutorando da ECO. Como jornalista, trabalhei nas revistas Ciência Hoje, como revisor, Portos e Navios e Navegação, como secretário de redação, e nos jornais Folha de S. Paulo, como repórter da Sucursal do Rio de Janeiro. O Globo, como redator das editorias Brasil e Segundo Caderno, e O Dia, como redator e editor das editorias do Interior, de Esportes, de Política e Nacional e de Opinião. Fui professor em várias disciplinas dos cursos de Jornalismo das universidades Gama Filho e Estácio de Sá.

Email: nelsonmorei@gmail.com

ENTREVISTA

Submetido em: 10/05/2018

Aceito em: 10/06/2018

Vladimir Palmeira, nascido em 1945, destacou-se nos anos 1960 e, em particular em 1968, como o maior líder estudantil brasileiro. Preso no Congresso de Ibiúna, em outubro de 1968, foi libertado em setembro de 1969, no contexto da ação de captura do embaixador estadunidense no Brasil, quando quinze revolucionários brasileiros foram trocado pela vida do diplomata. Voltou ao país depois da aprovação da anistia, em 1979, filiando-se ao PT, e exercendo dois mandatos como deputado federal, por este partido, nos anos 1990.

A entrevista a seguir é duplamente interessante: um testemunho de época, com o relato minucioso das aventuras e desventuras do movimento estudantil brasileiro entre os anos 1965-1968; e uma reflexão política a respeito deste processo, caracterizando-se o significado e o legado das lutas estudantis que ocorreram no período.

Daniel Aarão Reis - Vamos dar início à entrevista com Vladimir Palmeira para publicação na revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. Nosso tema é 1968: 50 anos depois.

Nelson Moreira - A primeira coisa talvez seja contextualizar, na sua visão, o que foram os acontecimentos, não só de 68, mas o que levou a isso, falar daquela época muito conturbada em várias partes do mundo.

Vladimir Palmeira - conturbado é um bom termo. O que eu defendo é que, do ponto de vista interno, 68 foi a última onda de 64. Então, neste sentido, 64 foi um período muito mais importante do que 68, porque em 64 ameaçou haver uma disputa pelo poder. 68 é um ano típico de transição, como 48 também, na Europa, no século XIX, são anos muito específicos que carregam essa carga de ser a última onda de um tempo, no nosso caso, de 64, e, ao mesmo tempo, tem todo um elemento de renovação, que se desenhou em várias questões, como por exemplo, além das lutas em si, da luta sindical dos estudantes, a aparição das lutas a favor dos negros, sobretudo das mulheres. Com muita repercussão, muita influência norte-americana. Porque os norte-americanos eram vanguarda dessas lutas lá, as mudanças de comportamento social, o que era traduzido também como movimento social, o Brasil estava se industrializando. O conceito de família anterior estava se quebrando. Então, um movimento

de transição da juventude tem uma função geral também de anunciar o futuro, ainda que não acerte, mas anuncia-se, mexe, o que são coisas diferentes, e rompe, desde a relação com as mulheres até a situação política vigente. Isso é um primeiro elemento, foi um elemento de transformação do futuro e de demolição do passado a nível nacional e a nível também internacional. Para mim as esquerdas mais atuantes eram francamente não-soviéticas, digamos assim. Porque havia elementos de crítica à União Soviética, variáveis, mas havia. E aquele processo, que você vê em escala mundial, representou realmente o fim do monopólio dos partidos comunistas sobre o socialismo. Foi um elemento importante, somado à repressão que fizeram na Tchecoslováquia. Então, tudo isso de um ponto de vista nacional foi muito importante, e deixou heranças e também do ponto de vista sindical. O movimento de 68 é um movimento sindical, conduzido por sindicatos de estudantes, sobretudo no Rio de Janeiro. Lembra-se muito do “abaixo à ditadura!” e as passeatas foram expressão disso, mas também foi sobretudo uma luta sindical pelas reivindicações estudantis, como a Universidade, mudança de currículo, por alteração da composição do Conselho Universitário... É toda uma luta que ampliou muito, quer dizer, não é à toa que, depois, eu já preso, houve a renovação do DCE, por exemplo, da UNE, e mais ou menos todos os grupos foram contra o nosso grupo. Então, nosso grupo ganhou, sozinho, porque aglutinou uma massa, que era inclusive uma massa de direita. Nós funcionamos no Rio de Janeiro como uma entidade dos estudantes, onde até a direita participava. Eu creio que neste caso, foi a única entidade onde ainda a direita participava. Com exceção do Rio Grande do Sul, onde a direita tinha um instrumento próprio, o Diretório Estadual Estudantil/DEE. Lá havia duas entidades, a União Estadual de Estudantes/UEE, que era da esquerda, e o DEE, da direita. Aqui no Rio a direita se incorporou, em 68. E esse trabalho sindical tinha como saldo para nós a manutenção da Universidade pública e gratuita. E isso não é pouco. A ditadura, ao contrário do que se pensava na época, sobretudo o pensamento tradicional do Celso Furtado, mas também o pensamento de organizações de esquerda marxológicas como a Polop, a ditadura tinha saídas econômicas, enquanto o Celso dizia “não pode mais”, “não tem condição”. Aqueles estruturalistas todos diziam que, sem reforma agrária, não podia haver avanço econômico, coisa que foi desmentida depois, evidentemente, pelos fatos, pois se fez a reforma agrária de tipo particular..A ditadura, do ponto de vista econômico, primeiro fez a reforma agrária entre aspas, como toda Contra-Revolução faz. Na Europa também foi assim, 1848 obrigou todos os governos a mudarem seu comportamento. Então houve repercussão. As reformas depois de 1848 foram feitas por cima, portanto segundo a ótica das classes dominantes. E aqui a ditadura fez a reforma agrária como? Permitindo a desapropriação da propriedade

com títulos da dívida pública, resgatáveis em 20 anos, o que era considerado um escândalo antes da deposição de Jango. Fez a reforma financeira porque criou o mercado de capitais. No Brasil, antes, não tinha mercado financeiro. A ditadura criou, reformou, a previdência, criou o Banco Nacional de Habitação. Então ela foi fazendo as Contra-Reformas, mostrando que aquilo pelo que a esquerda lutava, antes de 64, tinha razão, havia problemas ali, não era invenção de ninguém. Mas a ditadura esbarrou na Reforma Universitária. Eles queriam fazer uma reforma segundo o modelo americano. Naquela época a gente achava que era porque o imperialismo pressionava e tal, não era, era imitação mesmo. Os caras achavam que americano era bom, se lá tinha dado certo, e os Estados Unidos eram o maior país do mundo, eles queriam, então, fazer um tipo de Universidade como nos Estados Unidos, as Escolas Superiores não-universitárias, como nos Estados Unidos. . E nós derrotamos eles. Então a Contra-Reforma derrotada foi essa. Hoje as Universidades públicas existem pela nossa existência, são públicas e gratuitas.

Daniel Aarão Reis - É interessante porque isso foi, durante muito tempo, objeto de discussão. Era uma avaliação que se fazia. Mas a pesquisa que o Rodrigo Patto, professor lá de Minas Gerais, fez sobre a Universidade Brasileira em tempos de ditadura, ele encontrou realmente uma documentação farta, uma documentação produzida pela ditadura, pelos órgãos da ditadura, evidenciando que realmente o projeto de privatização, mesmo que parcial, foi abandonado para evitar conflitos que poderiam fugir do controle, ou no mínimo poderiam desgastar muito o governo. Havia realmente um projeto, e, aí, o movimento estudantil desempenhou um papel decisivo.

Vladimir Palmeira - Eles contornaram o obstáculo. O que eles fizeram depois de 1968, depois do AI5, foi chamar os principais dirigentes de escolas privadas secundárias e pedir que eles fizessem Universidades Privadas. Então se criou um vasto esquema de Universidade privada, frequentemente de baixa qualidade, diga-se de passagem, tem gente que gosta de dizer que o ensino privado é bom, mas vai ver o ensino secundário privado em geral, há os colégios de excelência, mas tem também um monte de colégios vagabundos, se bobear, pior que escola pública. Mas eles fizeram as Universidades privadas, que... quando eu voltei do exílio, 10 anos depois, em 1979, o número de estudantes universitários tinha decuplicado, dez vezes mais estudantes. Era um negócio fenomenal, e eles fizeram como? Porque também resolveram um problema que era o do acesso às Universidades por parte da classe média e de um núcleo pequeno de pobres. Como fizeram? Privatizando. A classe média foi lá e começou a pagar,

estava ganhando dinheiro também, nos anos 1970, e fez tudo o que é curso. Então as pessoas tiveram diploma. Com o diploma, dá para você fazer um concurso público..Se você é funcionário. ganha mais, ganha adicional. Então formou-se uma geração nova e acabou com o tal problema do excedente que era um pepino para eles, até 1968.

É preciso registrar que no Brasil havia uma tradição econômica, um processo de urbanização,, a chegada à etapa industrial. Durante a ditadura o Brasil fechou o ciclo Industrial.O Brasil passou a produzir máquinas, dentro do sistema, e passou a exportar produtos industriais em grande quantidade. Quer dizer, o Brasil chegou à beira de ser um país de primeiro mundo.

Mas os próprios erros da ditadura militar com relação à política cambial, a dívida pública, a inflação, que eles não controlavam, a má avaliação, fizeram com que eles perdessem o salto para a terceira Revolução Industrial. Morreram na praia, como se dizia antigamente do América, clube de futebol. Eles chegaram quase lá, Uma nova Revolução Industrial começou nos anos 1960, alguns, mais rigorosos, vão dizer que começou lá no Japão nos anos 1950. Ela realmente começou, cresceu, ganhou forma, no final dos anos 1970 e nos anos 1980, internacionalmente. Nós estávamos em uma transição e nos industrializando, foi nesse processo de industrialização que a ditadura jogou muita força, no final dos anos 1960 e nos anos 1970, o que mostra que a transição também era de natureza econômica, e é exatamente, por isso que se precisava de reformas, algumas aventadas pelo governo do Jango. A nível mundial, estava em curso uma Terceira Revolução Industrial. .Quando você lê o livro do Braverman sobre trabalho monopolista, capital e monopólio, você vê que na linha de montagem estava havendo um nível de ausentismo enorme, da ordem de cerca de 25% ao ano, horas perdidas, o pessoal não aguentava mais aquilo. Então, a robotização mudou isso completamente. Ainda nos anos 1970, eu comecei a estudar economia em 74, havia uma matéria sobre a Volvo, sueca, eles acabaram com a linha de montagem e eles separaram os operários em grupos, que tinham suas funções e podiam fazer as coisas do jeito que quisessem. Eles podiam trabalhar duas horas, depois parar, tomar uma cerveja, jogar um carteadado, podiam voltar... desde que cumprissem suas tarefas. Acabou aquele ritmo imposto, típico da Segunda Revolução Industrial. Quer dizer, os operários passaram a ditar o ritmo do seu trabalho. As máquinas passaram a ser mais maleáveis, foi quando, justamente, fizeram o computador entrar na linha de produção. Então aquilo ali foi se articulando, juntando o computador com o modo de organização japonês do trabalho dos anos

1950, e esse movimento era um movimento de grande amplitude. Havia uma lassidão, não se traduzia em revolta, mas se traduzia no ausentismo. Então quando você vê no Maio francês os operários se levantarem, é que havia uma grande insatisfação, também nos países desenvolvidos. Então, cada país tem sua história. Mas no geral, 1968 foi uma grande transição, do ponto de vista mundial, e por isso também nesse desequilíbrio você tem reivindicações que são comuns. Começam a ser suscitadas nos Estados Unidos, uma antecipação para nós, porque até então não havia movimento negro no Brasil. Nos Estados Unidos, o movimento negro era uma coisa muito antiga... as demandas das mulheres também. Outra questão relacionava-se com a guerra do Vietnã, que marcou um pouco o mundo inteiro... nós fazíamos cinco comícios por dia em defesa do Vietnã.

Alice Melo - Acho importante a gente falar primeiro um pouquinho com você que era um dos principais líderes estudantis, para a gente tentar entender um pouco seu contexto em 1968, quando começou o seu envolvimento com o movimento estudantil, como que, em 1968, esses movimentos começaram a transbordar nas passeatas, como a de protesto contra a morte do Edson Luís. Eu queria que você contasse um pouquinho do seu envolvimento com o movimento, quem era você em 1968, e como se configuravam os movimentos estudantis, e quais eram as principais reivindicações, porque, depois, essa característica da defesa da reforma do ensino superior começou a se esvaziar,, principalmente no quadro das comemorações de 1968, começou-se pensar mais nas questões políticas, e essa dimensão da reforma educacional foi sendo esquecida ao longo do tempo.

Vladimir Palmeira - Olha, eu militava primeiro no Colégio Mallet Soares, quando era secundarista e fazia um pouquinho de movimento estudantil, um estudante da base... tinha um grêmio na minha escola, que a gente fundou, tinha uma revista... nessa altura eu e Daniel começamos a conversar, inclusive fazíamos conversas com o Frei Betto, você se lembra?

Daniel Aarão Reis - Frei Betto?

Vladimir Palmeira - Eu acho que era o Betto, se não foi... mas nós tínhamos uma militância discreta, entrei na faculdade justamente em 1964. Logo em seguida, veio o Golpe, não deu nem tempo da gente

se integrar, mas eu não fiz movimento estudantil logo, um de meus irmãos mais velhos organizou um grupo político... era um grupo revolucionário, e eu fazia agitação, panfletagem, e nós fazíamos isso, até 1965. Na época eu, com muito orgulho, dizia que movimento estudantil era coisa de pequeno burguês... e eu fazia lá as panfletagens, mas esse grupo terminou se decompondo, quando as esquerdas começaram a se aglutinar. Alguns já queriam fazer bombas... mas o grupo não durou muito tempo... eu mesmo participei muito brevemente desse grupo. No Movimento Estudantil, eu participava, fui chamado para ser representante de turma em 1964, mas não aceitei. Como tinha posições de esquerda, fui chamado por um pessoal de esquerda para militar mais. Na Faculdade de Direito da UFRJ, nós tínhamos dois partidos, um de direita, Ação Libertadora Acadêmica, a ALA, e o Movimento de Reforma, que era de esquerda. Eu militava discretamente. Daniel entrou na Faculdade em 1965, mas nós militávamos muito discretamente. Todo mundo achava que eu ia para Ação Popular, organização política que reunia os católicos revolucionários, porque eu era radical, e o Partido Comunista era moderado. Mas o pessoal do Partido Comunista me chamou para entrar, e, de dentro do Partido, construir um verdadeiro Partido Operário revolucionário. Aí eu entrei, e soube que o pessoal estava fazendo movimento contra a direção do Partido..., Em 1966 saímos, levando conosco quase todo o Movimento Estudantil. Havia gente da PUC, da UFRJ, da UEG (atual UERJ)... só duas faculdades aqui no Rio não racharam completamente, a Medicina e a Engenharia, onde o partidão era forte e tinha bases mais tradicionais. Bom, aí rachamos e viramos um grupo, a Dissidência Comunista da Guanabara, até que o Daniel depois fez as estripulias dele, mas aí já é outro capítulo... então, em 1965 nós fazíamos lutas internas à faculdade, tentando recuperar o Centro Acadêmico, havia a questão da gestão do restaurante, a questão da Atlética, a de uma gráfica, que pertencia ao Centro Acadêmico... então o pessoal começou a querer reerguer isso. E lutar pelas liberdades democráticas, que era o nome da chapa inclusive, que ganhou onde eu não tive grande participação em 1964. De 1965 em diante, tornou-se difícil fazer todas estas coisas funcionarem... e aí a polícia começou a invadir a Escola, a polícia politizava muito a luta, entrava, acabava a aula, o professor ficava uma arara... a PM entrava mesmo na sala de aula e expulsava todo mundo, e nós fizemos uma greve, a greve é uma coisa que eu nunca recomendei para o Movimento Estudantil, uma coisa muito difícil, complicada... Mas houve uma greve de 15 dias, pelo restaurante, pelo bandejão, entramos em conflito com a polícia, era mais ou menos o nível do movimento, e era o mais avançado, porque a outra escola que rivalizava com a nossa e com o nosso centro acadêmico Cândido de Oliveira, o CACO, era a Faculdade de Filosofia, uma Escola imensa, com milhares de alunos, ela seria muito devastada pela repressão... quando chegou

no segundo semestre de 1965, nós marcamos com a Filosofia, e com os funcionários públicos, um dia de protesto. Seria a primeira manifestação dos funcionários públicos, a ser realizada na Cinelândia. O pessoal da Filosofia ia fazer uma passeata do prédio onde funcionavam, na Avenida Antônio Carlos, até a Cinelândia, e da Cinelândia todos iriam para Central do Brasil, onde nós faríamos o julgamento da revolução. Ia ter um cara de toga falando... a defesa da ditadura ia citar os textos dos ditadores e dos políticos... tudo pronto, no dia que a gente marcou para fazer essa grande manifestação, grande entusiasmo, saiu o Ato Institucional número 2, então os funcionários cancelaram logo a manifestação deles, ... a Filosofia também cancelou e foram algumas lideranças da Filosofia para o CACO. Ficamos ali discutindo o que fazer, naquela época a esquerda tinha o hábito de discutir muito... aí começou uma briga, sai, não sai, sai, não sai... o objetivo era chegar na Central do Brasil, onde encontraríamos a afinada flor da classe operária que transitava por ali., Na verdade não havia operário praticamente nenhum ali, no sentido literal do termo, nenhum operário industrial, mas havia o pessoal pobre, trabalhador, e esse pessoal pegava o trem às cinco, seis horas da tarde. , Mas nós ficamos discutindo e lá pelas seis e meia, você lembra disso, às seis e meia, éramos umas oitenta pessoas...

Daniel Aarão Reis - Era mais, sete horas, inclusive porque a Central estava vazia.

Vladimir Palmeira - Pegamos uns cartazinhos e fomos, margeando a Praça da República, passamos pela Casa da Moeda e atravessamos a Avenida Presidente Vargas... chegando na Central do Brasil, não havia operário nenhum, só tinha mendigo e puta, mas fomos delirantemente aplaudidos... O subproletariado... e aí os caras ficaram entusiasmados, tinha um cara da AP que era da UNE, o Xavier, fez um discurso e a segurança queria botar a gente pra fora, e a gente desistiu, mas eram uns gatos pingados... aí chegou um carro de polícia, o cara disse "tem 5", "tem 1 minuto para dispersar" e jogou logo uma bomba, boom, aí acabou... e foi bom porque tinha um advogado queria levar a gente para a Cinelândia... tinha umas maluquices... era uma zona... Então, mas para nós foi um sucesso, primeira manifestação, confronto com a polícia... e no dia seguinte o Jornal do Brasil ou o Correio da Manhã, não me lembro, botou três atos, um ato de força, que era o Ato Institucional nº 2, o ato de apoio, que eram aqueles babacas políticos e empresários que apoiavam o Ato, e o ato de protesto, era o nosso, foi a glória, entramos nas primeiras páginas dos jornais, éramos o movimento estudantil.

Daniel Aarão Reis - O único protesto no Brasil, contra o AI2.

Vladimir Palmeira - Então entramos... aí pronto, aí continuamos, tinha muita força, e 1966 começou com a passeata dos estudantes mineiros, que foi reprimida pela polícia, aí houve uma onda de solidariedade aos estudantes mineiros, foi umas das primeiras manifestações com muita gente na rua, umas cinco mil pessoas, uma passeata que iria até a Central do Brasil,, da Filosofia, até a Cinelândia, da Cinelândia até a Central, e eu não falava em público... eu era do comando, e enquanto o comando discutia o que fazer, quando chegou na Cinelândia, eu acho que eu estava pela direita, querendo acabar a passeata com uma vitória, vamos acabar?... mas o outro cara do comando queria avançar... aí, enquanto deliberávamos, a massa foi embora pela Rio Branco e o comando foi atrás... então, a massa entrou na contramão, e isto virou uma grande ideia dos estudantes,... foi a massa que entrou na contramão. Depois nego fez a análise e viu que paralisava a polícia, porque, na contramão, a polícia não podia usar carro, perdia a mobilidade, só podia correr, e correr atrás dos estudantes é difícil, não é...então fizemos, foi um sucesso, e jogaram papel branco, fomos até a Central do Brasil. Na Central do Brasil, fui obrigado a falar para acabar a passeata, para não passar pelo Ministério da Guerra.Tinha uma turma do PC do B, que a gente chamava os Tigres de Papel, pois o pessoal do PC do B queria ir até a Central, a gente disse não, e acabamos a passeata no Campo de Santana... foi um tremendo sucesso aquela manifestação.

Depois, quando a ditadura quis impor a Universidade paga, aí começou a luta pelo não pagamento das anuidades. As escolas de destaque no Rio, no semestre, foram a Medicina e a Arquitetura, a Arquitetura no Fundão, a Medicina ali na Praia Vermelha, fizeram uma luta forte, que revelou uma nova liderança, o velho Jacks, na Arquitetura, mas a Medicina não tinha uma grande liderança de massa, embora já tivesse... já o Davizinho estava lá naquela época, este que depois virou Prefeito de Santos,pelo PT... o fato é que queriam ocupar a Reitoria, ocuparam a faculdade de Medicina. Entretanto, antes disso, fizemos também a luta contra as anuidades no CACO, e sofremos uma grande derrota, porque botamos o pessoal para não pagar, sustentamos a luta, mas os estudantes não pagavam no guichê da faculdade, mas os pais pagavam nos bancos. É que o sistema bancário tinha chegado e a gente não tinha visto. Então, os pais pagaram, pelo banco, e quando chegamos lá, o secretário da faculdade me chamou, burocrata, e mostrou, 85%, 80% tinham pago as anuidades. Nós não sabíamos naturalmente. Aí ele disse "olha, tem aí uns 15% que não pagaram e estes podem se ferrar". Aí eu mandei todo mundo pagar. Ih,

foi uma choradeira, um desespero, foi um dos piores dias da minha vida, mas foi justo... mas marcou, muitas lideranças ficaram abaladas lá no CACO depois disso... perdemos no CACO (...) a política contra o Governo Federal era difícil mesmo, mas aí me elegi presidente do CACO, Daniel era meu primeiro vice-presidente, e tiraram quase no par ou ímpar, foram os aliados que escolheram... eu indicava, me indicavam, e eu fiquei então como presidente, e fiquei mais conhecido... na Medicina, eu estava lá, me chamaram, mas eu não sabia de nada, não sabia, não participei das negociações, eu era ali um estranho... ocuparam a faculdade e aquilo foi um tremendo fracasso, de novo, para a gente, porque a polícia, primeiro, propôs uma negociação, mas enganou a gente, pois, enquanto se negociava, invadiram às 3 horas da manhã, arrombaram as portas da Faculdade, e invadiram, os policiais drogados, bêbados, fazendo violência contra as meninas, uma desgraça... e isso foi uma grande derrota para a gente, apesar da repercussão negativa para a ditadura. Mas aquela base nunca mais se recuperou como tal para o Movimento Estudantil. Foi a coisa mais contundente que aconteceu naquele ano. Nós refluímos, criou-se a União Metropolitana dos Estudantes, e meu amigo Daniel teve que assumir, foi o primeiro presidente da União Metropolitana dos Estudantes, para pegar o trabalho de refazer a entidade, e eu fiquei no cargo de presidente do CACO, mas aí já perdeu muita força,, houve um refluxo, o Daniel foi para a UME, fez um excelente trabalho na UME, sobretudo criando vinculando à UME as Escolas Independentes (atual UNIRIO), não é isso, Daniel?

Daniel Aarão Reis - Na UEG (hoje, UERJ) e na Rural também.

Vladimir Palmeira - E nós começamos, eu e ele, a dar solidariedade aos estudantes do Calabouço, que estavam com o restaurante deles ameaçado, desde 66. E isso virou uma grande luta. e 1967 foi um ano dominado por dois movimentos, pois o universitário do Rio tinha encolhido. Os estudantes do Calabouço foram para a vanguarda, e o movimento dos estudantes da Universidade Rural, que vinham para o Rio, não iam para Niterói. Naquele tempo não tinha... o Rio era o Estado da Guanabara. Mas a Rural sabia que para Niterói não tinha sentido ir, eles vinham para o centro do Rio. E fizemos lutas com eles. Depois, eleito presidente da UME, em 1967, dormi lá, fiz agitação lá, dormia na Rural, houve muita briga em 1967, muita briga e estiveram presentes também em 1968, O Calabouço foi um sucesso, porque ganharam um novo restaurante, eu e o Daniel fomos lá, convidados para falar, o Negrão de Lima (então, governador do Estado da Guanabara) estava lá, a gente esculhambou o Negrão, assim, a

três metros dele, polícia, ditadura, foi um escândalo. O novo restaurante era precário, não botaram piso, o pessoal comia com poeira, havia uma série de reclamações. Ganhamos o restaurante mas o Calabouço continuou lutando, para completar as instalações. A nível nacional, nós participamos da reorganização da UNE. No congresso da UNE de 1966, participamos muito pouco, mas no de 1967 haviam aparecido outros trabalhos de aproximação com as dissidências do Partido Comunista em outros estados: no e Estado do Rio, no Rio Grande do Sul. E houve uma articulação entre as Dissidências, , quando nós chegamos ao Congresso, ganhamos algumas votações, contra a AP, que tradicionalmente controlava a União Nacional dos Estudantes. Havia também a Polop (Organização Revolucionária Marxista-Política Operária/ORM-POLOP) que ficava ali no jogo, queriam ser a consciência crítica do movimento, estudavam muito, eles estudavam mais marxismo, e tinha o pessoal do PC do B e a ALA, uma dissidência do PC do B,, ora votava, ora não votava com a gente, porque o PC do B estava colado com a AP, mas a ALA era independente, votava, podia decidir. Nós ganhamos tudo, no congresso politicamente, um congresso notável, mas na hora de escolher a direção, o Daniel era nosso candidato, demorou muito lá nas negociações, e uma parte do pessoal do Rio veio embora, mas isto ocorreu também com delegações de outros estados... nós perdemos por sete votos, a presidência para o Travassos, da AP. Na verdade, a gente tinha maioria até para isso, mas perdemos, foi uma lástima. Lá se discutiu realmente o papel do Movimento Estudantil. Nós levamos nossa linha para lá dizendo que tínhamos que priorizar as reivindicações dos estudantes, priorizar a reforma das Universidades, não se podia ficar no *porraloquismo*, não se podia ir para rua todo dia,... o movimento tinha que ter consistência. e isso se suspendeu depois, num primeiro encontro lá da UNE, onde as teses novamente se chocaram. O Travassos ganhou a presidência, encorpou a AP, mas nós ganhamos o Conselho da UNE. No conselho eram duas teses, a tese da AP, era que era o centro tático era a derrubada da ditadura e o nosso era que o centro era luta contra a política educacional do governo. E a gente um pouco já fazia de sacanagem, dizíamos política educacional do governo... Não era nem ditadura. E nós ganhamos. Compreendemos que o movimento estudantil tinha uma autocritica da alta politização no sentido em que a gente tinha até a estratégia da revolução, a AP levou lá as teses da revolução, nós levamos as nossas, mas dizemos: nós estamos discutindo isso pela última vez e não vamos discutir mais estratégias de revolução no congresso sindical, não usávamos esse termo sindical, era congresso estudantil. E levamos isso para o conselho, que eles em tese eram obrigados a seguir. Não seguiam muito, mas foi uma vitória importante e quando fomos

no Rio fizemos um conselho da União Metropolitana dos Estudantes, Daniel já tinha se afastado, e nós ganhamos por um voto somente. E ganhamos com a reivindicação seguinte: não vamos lutar pelo não pagamento das anuidades, vamos lutar por mais verba. Por quê? Porque era evidente a falta de verbas para a educação. Se viessem mais verbas, não seria necessário privatizar ou cobrar pequenas anuidades, como o governo vinha fazendo. Nós tínhamos que pedir verba, porque era uma questão de dupla-face, era um movimento de dupla-face. Uma face era a questão da anuidade, outra face era a verba. Se você tem verba e ganha verba, para que cobrar anuidade? Então lançamos a luta por maiores verbas, ganhamos por um voto, da nossa amiga da Psicologia, por um voto. E a contraposição era defendida pelo Jean Marc,, que desenvolvera uma luta contra o não pagamento de anuidades na Escola de Química da UFRJ. Nós ganhamos, fizemos lá o movimento e aí começamos a ir em direção às turmas. Aí mudou muito a coisa toda. Fomos discutindo, íamos nas turmas, discutíamos com os professores, discutíamos o currículo, discutia isso, discutia aquilo, começou-se a discutir tudo. Então com isso se atingia uma massa de estudantes que você não atingia quando chegava com discurso contra a ditadura... e fomos fazendo esse trabalho junto com o trabalho político, não só o nosso, porque o velho Partido Comunista e a igreja se uniram para um diálogo com a ditadura. E foi em escala nacional. E aqui no Rio, o padre Castro Pinto, que era o cara da igreja e fez uma reunião no Colégio Santo Antônio Maria Zacarias. A UNE começou a discutir a questão do diálogo..., nós queríamos que o Franklin Martins fosse lá, em nosso nome, e dissesse que nós queríamos dialogar, sim, mas tem que ser com a entidade ilegal, com a União Metropolitana dos Estudantes, que estava fora da lei, e também com a UNE. E aí defendemos isto lá na reunião com Castro Pinto, e isso dividiu o Movimento Estudantil. Éramos criticados por estarmos dialogando com a ditadura, mas nós argumentávamos: se a gente não conversa com a ditadura, como é que a gente vai resolver os assuntos? Temos que conversar lá. Apresentar as reivindicações não significa ceder. Isto . motivou discussões ferozes, fomos chamados de traidores... como você vê não é a primeira vez que nós somos chamados de traidores.

Daniel Aarão Reis - Porque as pessoas alegavam, os mais radicais, que dialogar com a ditadura, com o representante dela, era legitimar a ditadura. Então do que se tratava era de um movimento para derrubar a ditadura, e enquanto ela não tivesse sido derrubada, qualquer tipo de diálogo com ela ia legitimar a ditadura. Então esse diálogo era visto como uma capitulação.

Pablo Gonzalez - Eu queria fazer uma pergunta que eu acho que tem um pouco a ver com isso, ia perguntar se você acha importante pensar a questão da linguagem? Você falou que vocês discutiam muito nessa época e aí quando você vai na rua esse diálogo na escola com os professores, e a eficácia disso, por exemplo, eu fui no Moreira Salles essa semana, eles fizeram uma exibição com debate com o filme do Eduardo Escorel, sobre o Estado Novo, e aí uma das coisas que foi discutido lá foi a questão de como você escuta o discurso do Getúlio Vargas, com o passado e como o silêncio dele seria um silêncio para um aplauso, uma aquiescência, isso estaria ligado a uma posição de poder, na linguagem. Em contrapartida de um silêncio que seria para as pessoas refletirem, pensar um pouco... enfim, você acha importante pensar isso, hoje?

Vladimir Palmeira - Não. Eu acho que cada um tem seu jeito. Na época o pessoal do partidão... depois, em 68, o partidão veio fechar com a gente, contra os radicais. Ele dizia que o líder lá, o alemão, os caras do partidão se entusiasmavam, porque ele não gesticulava. Mas é cada um com seu jeito, a gente aqui gesticulava. Esse negócio é questão de talento pessoal, líder de massa é talento, específico para aquela coisa. No meio de 68 nós tínhamos dez, quinze pessoas que podiam estar no meu lugar. Não podia ser qualquer um, porque não tem talento ali, não tem capacidade, mas tinha dez, quinze que podiam estar no meu lugar, questão do acaso... entendeu? Então acho que cada um tem seu estilo, mas em geral quem fala e tem talento sabe que as pausas representam muito. Tudo depende do momento, do auditório, se é hostil ou não é hostil, se é simpático, se não é convertido, aí você vai vendo como você fala... também se você vai com um discurso mais radical, mais enfático, isso depende do auditório, da situação. Por exemplo, em algumas situações muito duras, num período posterior, houve grandes pausas, período de silêncio, era um silêncio tumular. Uma vez a gente fez um discurso e uma mulher lá ficou agitada, ficou nervosa,, o pessoal controlou. Era um momento em que íamos utilizar a violência. Houve só um silêncio e o barulho das portas sendo quebradas, que a gente tinha que quebrar para poder resistir à polícia, então o negócio era de cena dramática, teatral, havia um silêncio depois do discurso, e aquele baticum das portas sendo quebradas, por grupos organizados de estudantes que estavam preparando pedaços de madeira para brigar com a polícia... então depende muito da situação concreta, e isso varia com o tempo... o Armstrong, ele disse que quando ele era jovem gostava de tocar muitas notas, fazer

os improvisos dele, e eram notas inumeráveis... quando ele ficou velho, ele disse que o problema não é esse, é como encadear as notas, então você vai ficando velho, vai ganhando habilidades. Então você vai pausando mais. Pega as declarações, eram um fluxo, depois você aprende a ter pausas.

Bem, retornando à história do Movimento Estudantil.

E aí veio a morte do Edson Luís de Lima Souto, foi um negócio de 100 mil pessoas. Aí tem que ter critério, pois na Passeata dos 100 mil tinha mais gente que na morte do Edson. Agora, quando você vai na passeata do milhão na Candelária, pelas diretas, você pega uma foto da passeata dos cem mil e a de um milhão, é a mesma coisa... Eu acho que na Candelária tinha mais. Por quê? Porque eu medi, por acaso eu estava no palanque no comício das Diretas. Já em 68, eu estava em cima de uma árvore, então tive uma visão geral das duas manifestações... eu fui até a Uruguaiana... e fui tomar uma cerveja que ninguém é de ferro... e ali acabava a manifestação do milhão, era rarefeito ali na Uruguaiana, tal como na dos 100 mil. Agora, as diretas tinha mais gente ali na Rio Branco...

Na morte do Edson, houve uma passeata, o enterro, a manifestação, radicalizou, depois, houve a questão da missa de sétimo dia, foi uma repressão brutal aos estudantes, eu estava lá mas não cheguei na manifestação, quando eu cheguei já estava atuando a repressão, cheguei com a segurança, na Rio Branco e o pessoal tava sendo espancado, foi uma repressão tremenda, os padres brigando com a PM...

Neste episódio do Edson,, nós fizemos uma primeira Comissão Popular, com políticos, com sindicalistas, com mães, que a morte do Edson foi um negócio comovedor, chegaram aqueles colégios de freiras, de padres. Os estudantes chegaram lá... com as freiras e os padres, e as pessoas gritavam: mataram um estudante, e se fosse um filho seu, aquilo foi um negócio tremendo, fizeram a comissão de mães, comissão de professores, comissão de religiosos comissão disso, comissão daquilo, e de sindicalistas, que não eram lá muito combativos, mas participantes,... e fez-se uma comissão popular para dialogar com a ditadura. No entanto, a ditadura não se interessou, e aquilo se dispersou. Assim, depois da missa de sétimo dia, houve uma queda daquela movimentação, acabou. Mas nós ficamos nas faculdades e aí fomos discutir verbas e as demais reivindicações dos estudantes. E começaram novamente as manifestações. E houve um dado novo: é que a gente sempre correu da polícia, a nossa orientação era não brigar. Vinha polícia e a gente aprendeu a dispersar. Chegou a polícia, dispersava, meia hora

depois, começava em outro lugar, a polícia vinha, dispersava, meia hora depois, começava em outro lugar, mas a gente sempre fugindo, não ia para o confronto. E tínhamos também a orientação de não tocar em nada das Forças Armadas. Quando chegou o mês de junho, nós fizemos uma passeata já muito tradicional, saindo lá da Filosofia, passando pela Cinelândia, e fomos lá para a Central do Brasil. E aí os jornais, em particular *O Globo*, que naquela época era um jornal de direita, então, *O Globo* disse que nós só queríamos agitar... marcamos para o MEC. Chegou lá no MEC, a polícia ocupava, a gente não podia ficar no MEC. Em uma certa ocasião, o Daniel fez uma manifestação, se lembra? Que você dirigiu lá no MEC, que a gente ia ser recebido... aí nós fizemos o seguinte, os caras diziam que só queríamos fazer agitação, não querem falar com o ministro. Numa outra vez a gente decidiu ocupar o MEC, aí pela primeira vez usamos a violência. Pegamos pau, pedra, fizemos Molotov, porque foi um ato então de ocupar pela primeira vez, a gente não só se defendeu ou correu simplesmente. E aí fomos ocupar o MEC em junho de 68. Como nós não tínhamos lido Clausewitz, nos separamos em três colunas, então todas as três foram derrotadas, evidentemente. A PM reprimiu, mas reprimiu com violência, as lideranças sangrando, Cid Benjamin estava sangrando, camisa rasgada, entendeu? E pela primeira vez eles usaram o brucutu, que já tinha sido usado em São Paulo, que era um jato d'água, que mandava em cima do pessoal, aí dizem que foi o nosso psicanalista, ... foi o Brito que ouviu, de repente a água parou de sair, e o Brito gritou "o brucutu brochou!", aí pronto, aí o pessoal foi pra cima do Brucutu,

Bom, nós saímos porque já tinham deixado gente ocupando a Rio Branco, fizemos pela primeira vez uma barricada, *à la* francesa, fizemos uma barricada em frente ao antigo Jornal do Brasil, e nós saímos e ali já era um entusiasmo, dessa vez a gente foi para o confronto, então, fizemos um comício com tropa de choque da PM, pedindo para eles se rebelassem contra os oficiais, já foi um negócio, mas eles não se mexeram. Aquele carro aberto, que tinha dois lados...

Daniel Aarão Reis - *Costa com costa, como era chamado.*

Vladimir Palmeira - É. Aí nós fomos ali para o Edifício Avenida Central, fizemos um comício... aí fizemos uma barricada, aí com isso a polícia começou a poder andar, tudo livre, a polícia foi... quando chegou lá perto da barricada aí o Marquinho da Economia disse "Vladimir, e agora, o que a gente tem que fazer?"... pau neles! (risos) e a gente foi em cima da polícia, batemos na polícia, porque eles se horrorizaram, eles não esperavam, a gente sempre apanhou, saía correndo, e tal, e aí pronto, aí tomamos conta do centro

do Rio. E eu vi de tudo, tinha menino pegando o cavalo, andando com chapéu da polícia, o que você puder imaginar, os cavalos caindo, rolha para lá, rolha para cá, e a gente saiu da Rio Branco, claro, fomos para a Uruguaiana, para aquelas ruelas, então foi uma briga e que só acabou quando alguém tocou fogo mesmo num carro do exército, o Jean Marc foi preso, mas, realmente, ele não foi o responsável, aí veio a polícia do exército, e a gente se mandou, e saímos, e esse foi o negócio de quarta-feira. No dia seguinte, quinta-feira, nós ocupamos a Universidade, o que também já estava programado, tinha a questão de verba e de democratização da Universidade. Ocupamos, fizemos corredor polonês para os professores do Conselho Universitário descerem, para eles descerem, porque precisamos, estávamos discutindo no anfiteatro da Faculdade de Economia, desceram todos do Conselho, menos o pilantra que era diretor da Faculdade de Direito que conseguiu escapar não sei como.. Era o Hélio Gomes, pilantra, safado, escapou, mas o resto do Conselho foi e obrigamos os caras a votar, quando a resolução estudantil foi a votos, e o Professor Clementino foi de uma grande hombridade, que era o Reitor, ele dialogou, fez o possível ali, tinha gente que votava com a gente o que a gente quisesse, o Clementino foi contra algumas ações, foi uma discussão mesmo, debate, os estudantes e os professores... quando nós fomos sair... o Clementino disse não ia ficar ali, pediu para que não ocupássemos novamente o Conselho Universitário, e ainda tentou garantir a saída da gente sem repressão. A polícia disse não, só depois das 10 horas da noite. Com a lembrança do "massacre" da Medicina na cabeça, resolvemos sair de qualquer maneira. A gente não ia ficar ali esperando por mais espancamentos... nós nos preparamos, saindo dali na hora de trânsito ainda, 6, 7 horas, nós fizemos isso, um ato para dizer que a gente ia sair, mas nós já tínhamos um grupo preparado, pelo Vainer e o Marcos, os responsáveis... Marcos foi preso, e o Carlos Wainer escapou. Primeiro, fizemos um barulho a leste para atacar oeste, como diria o camarada Mao tsé-tung, um barulho ali na Unirio, para ver se a repressão ia para lá, para a gente sair ali pela Venceslau Brás, pelo lado do Pinel,, um negócio de doido,, e eu saí depois, no meio, aí houve um folclore, que eu saía na mala do carro do Clementino, mentira, saí no meio, e já era tarde, o rabo da manifestação, porque virou uma passeata, foi todo preso, eu vi um cara ali batendo no carro do lado... e nós também quando saímos em grupo, suicida, dirigido pelo Vainer, para ir para a Praia de Botafogo, levar a polícia para lá. E a gente ia para esquerda, na direção do campo do Botafogo, e saímos muito reprimidos, mas a parte final ficou encrocada, teve que se render, porque não tinha como sair, a polícia acordou, fomos para o campo do Botafogo, fomos submetido a vexames como tinha sido na ocupação da Medicina, urinaram em cima dos estudantes, enfiaram cassetete nas vaginas das moças... Então, na sexta-feira, nós

já tínhamos marcado uma outra manifestação, mas de manhã, que era coisa rara, nossas manifestações eram em geral de tarde, na hora do almoço, eu trabalhei na Última Hora, às vezes às 11 horas eu ia cobrir o Daniel, trepava no poste, eu fazia matéria e tal, mas segunda à tarde eu já estava no poste na agitação e de manhã fomos para Praça Tiradentes, mas aí já se sabia... Oito horas da manhã, a banca abria e fechava, a loja abria e fechava porque eram os estudantes na rua. E aí nós fizemos uma passeata triunfal, com apoio. A população inclusive desceu para aplaudir a gente. Bom, isso tudo saiu, uma parte. A gente sempre fazia duas manifestações, uma sendo secreta, e outra uma manifestação aberta. O Franklin (Martins) e o Brito foram para o MEC para comandar a manifestação que estava marcada para o MEC, e eles foram para lá. E eu fui para a verdadeira saída, que era na Praça Tiradentes. E aí foi uma aclamação. Encontramos com o Franklin depois, ali na entrada da Graça Aranha. Estava tudo tomado e começamos a passeata, que terminou com tiro, confusão. Depois de muito tiro e confusão, eu fiquei sozinho. Uma boa alma me levou até um carro e me deu uma carona até o fim da Presidente Vargas. E eu só fui encontrar a militância às cinco horas da tarde, no bar Diagonal, no Leblon. Era um bar que a gente frequentava. Chegamos lá, e a porrada continuava comendo na cidade, eu ouvi pela rádio. Todas as lideranças estavam lá no Diagonal. O pessoal que foi para o Calabouço chegou depois, o pessoal da Rural chegou depois. Aí, nós nos reunimos, fizemos outra reunião e decidimos convocar manifestação para segunda-feira. Adiamos pra terça, convocamos, e o governo permitiu. O Negrão de Lima permitiu. Fez um apelo porque dissemos que iríamos incendiar o Rio de Janeiro. O Negrão, demagogicamente, disse “por favor, não coloquem fogo nas nossas casas”. E na terça saiu a passeata dos 100 mil, depois a dos 50 mil, e eu fui preso. E acabou aí minha participação no movimento. Saiu então um comissão dos 100 mil, com Franklin, Marcos Medeiros, deputados, professores, mães, etc e foram a Brasília negociar. Mas não houve acordo. Mas eu acho que o pessoal era meio... não quiseram botar gravata...

Daniel Aarão Reis - O fato que impediu ali, naquela situação, a circunstância que impediu o desdobramento do diálogo é que os estudantes exigiam a libertação dos presos, como preliminar, e o Costa e Silva disse que não admitia preliminares.

Vladimir Palmeira - O Costa e Silva disse que soltava os presos desde que a gente não fizesse mais manifestações. Aí, o pessoal não foi hábil o suficiente, eu não sei porque eu não estava lá, para explicar que não faríamos mais. Não pode pensar que não haverá mais manifestação num movimento de massa.

Na hora, o pessoal deveria ter dito a ele que não faria mais, mas dali a dois meses poderia ser que tivesse, certo? Mas o pessoal disse que não poderia fazer isso.

Daniel Aarão Reis - Eu pensei que a preliminar fosse apenas a libertação dos presos

Vladimir Palmeira - Ele topava libertação desde que a gente parasse as manifestações. Isso é o relato que eu ouvi; eu não estava lá.

Eu acho que o pessoal estava muito radicalizado, do nosso lado. Mas eu não vi e ali há uma questão de ênfase, você sabe, na hora é que tudo se decide. O fato é que o Costa e Silva não quis, aí fizemos a de 50 mil e voltamos para a escola, porque, se continuasse, esvaziava. Em agosto eu fui preso, assim que as aulas se iniciaram, e o movimento continuou. Teve eleição em agosto/setembro, ganhamos o DCE da Federal, elegemos delegados para a UNE, mas o movimento foi caindo, caindo, caindo e ficou mais de vanguarda. Era o pessoal organizado. Na época, tínhamos uns dois mil estudantes organizados. Isso deve crescido um pouco depois dos 100 mil, as manifestações já não tinham grande massa.

Movimento de massa é assim, sobe, desce, não tem como. Até hoje o pessoal pergunta “porque o pessoal de 2013 parou?” Isso é assim mesmo. Não tem ciência. São as forças elementares dos grandes agrupamentos.

Mas a linha foi essa, e essa linha triunfou. Entidade dos estudantes, reivindicação. O que eu acho importante é isso, de a direita participar do nosso movimento e das reuniões clandestinas. Inclusive foi feito o convite, na época da briga, do negócio do diálogo, e o Partidão tentou dar uma rasteira na gente. Fez um movimento com a direita que acabava na PUC. E a gente ganhando todas as assembléias, toda assembléia a gente ganhava. Quando chegou na reunião final, a gente tinha a maioria do plenário. E a primeira providência do Partidão foi me chamar para a mesa. Eu recusei. Em reunião de divisionista eu não entro. Nós marcamos posição ali, porque nesse processo, o presidente do DCE, que era um colega de direita, inclusive nos desafiou dizendo “você fazem manifestações clandestinas”. E eu respondi, se não for assim, a polícia bate na gente, nos prende. Ele disse: “vamos fazer uma aberta aqui na PUC, na Escola de Engenharia”. Logo na Escola de Engenharia. As escolas de Engenharia eram as mais divididas, as que tinham mais direitistas, reacionários, e, ao mesmo tempo, gente de esquerda. O Muniz (Carlos Alberto

Muniz) foi nosso dirigente. É o Muniz que depois foi vice-prefeito do Paes (Eduardo Paes), foi dirigente nosso. Depois, ficou muito moderado para nosso gosto. Ele era uma liderança expressiva, do Fundão, da Engenharia. Aí, fizemos a reunião. Eu disse: tá bem, eu faço a reunião na PUC, mas, se a polícia chegar, vocês vão para a reunião clandestina. Fomos para a PUC, e nossa reunião foi dissolvida a bomba pela direita. Não foi pela polícia, não. Aí eles se integraram às reuniões clandestinas. E era a direita, inclusive a direita policial, porque havia desconfiança de que havia policiais. Então, isso virou uma entidade. E tem mais. A direção nem tomava decisão. Quem tomava era os conselhos das faculdades. Era extremamente democrático. E, nesse período todo, não era obrigatório, mas o delegado pedia para ser em assembléia geral. Não era o diretório, era o delegado da assembléia geral.

Não tem democracia perfeita. Até hoje tem a briga se a democracia representativa é melhor ou não e tal. No PSTU, por exemplo, tudo é pela democracia direta, o que eu acho que é um engano deles. E não é falta de consciência, mas porque o povo não quer saber de política. Política enche o saco, a não ser nos grandes momentos. O que o cidadão comum quer? Que alguém faça aquilo por ele. Fica de olho, mas não mete a mão. Ninguém quer fazer política o tempo inteiro. Só doido. Tem um pessoal de classe média que não tem o que fazer e se dedica a fazer política 24 horas por dia. Mas aí são problemas existenciais.

Tem que ter uma democracia representativa. Tem que haver fiscalização, embora não exista nada perfeito. Fim, pronto. O mais democrático que seja possível. O movimento estudantil foi se esticando, se esticando, protestando aqui e ali. Mas o Ato 5 foi a pá de cal.

Daniel Aarão Reis - Como se insere a questão do congresso de Ibiúna, aquela decisão de fazer um congresso clandestino não entrava em contradição com toda essa política de entidades representativas ligadas aos estudantes, defendendo reivindicações próprias?

Vladimir Palmeira - Não sei, não tenho ideia. Nós viemos do conselho de Salvador, onde nossa ala venceu, o Arantes brilhou. O Arantes era um cara ótimo, assassinado pela ditadura militar. Ele, junto com outro rapaz, chamado Peri, naquele momento de Minas. Era um dos caras mais inteligentes do movimento estudantil e, às vezes, quando a gente fazia conselho da UNE, ele fica debatendo, fazendo lembrar o Vainer e o Cesinha (César Benjamim). Eram caras muito brilhantes. Mas o Arantes era muito sectário. Ele não participou dos 100 mil. Retirou-se em protesto porque nós deixamos o Travassos,

presidente da UNE, falar, porque a AP tirou um panfleto denunciando a UNE. Para você ver como a esquerda pode ser. No dia da maior manifestação de massa dirigida pela UNE, a AP foi lá distribuir panfleto contra a direção da UNE. Aí o Arantes se emputeceu e disse: “não dá. Ele não pode falar”. Eu argumentei: ele é o presidente da UNE. Eu não posso recusar. E o Travassos foi bem tolerante. O Travassos era um doce de pessoa. Ele disse: “são uns malucos”. Mas mesmo que ele não dissesse, eu não tinha como não deixar ele falar. E o Arantes se retirou em protesto.

O Arantes deu um show em Salvador, mas ao mesmo tempo, quando começou a haver obstáculo, ele começou a tirar a roupa e disse “vou ficar nu” aqui, e eles se retiraram. José Dirceu, Arantes e o rapaz que era presidente do DCE se retiraram. Mas eu não. Eu disse: eu vou ficar aqui. Aí, eles tiveram que voltar. Mas ganhamos no político. Pediram para fazer no Rio. Eu disse: eu não quero. Não tenho condições de fazer no Rio com aquele número de delegados. E eles resolveram fazer em São Paulo. São Paulo era muito organizado. O movimento de São Paulo não tinha a dimensão de massa do nosso, mas era tudo organizado. A gente ia a São Paulo e ficava com inveja. Tinham um jornal brilhante, bonito, bem organizado, com Paulo de Tarso. O Dirceu tinha uma equipe de gente bem organizadinha. E aqui era uma esculhambação. O Franklin fazia O Metropolitano, um jornal conservador tecnicamente falando. Mas eles eram muito organizados e falaram: “nós fazemos o congresso”. O Zé Dirceu era candidato a presidente. Então, tava resolvido. Em agosto eu fui preso e não acompanhei.

Nelson Moreira - Como os meios de comunicação, como a TV, que divulgavam as manifestações aqui e em outros países, influenciaram a mobilização e o apoio ao movimento de vocês?

Vladimir Palmeira - A televisão, não. Era muito pouco expressiva ainda e dava pouca notícia. Mas, no dia a dia, o jornal foi de grande importância. A imprensa foi de grande importância e, ao contrário dos meninos do PT, nós não batíamos nos jornalistas, que depois iriam publicar matérias contra nós. Nós queríamos era a imprensa lá mesmo. Não tinha movimento estudantil se não fosse a imprensa. O ato em protesto da gente foi porque o *Jornal do Brasil*, eu acho que foi o *Jornal do Brasil*, botou na primeira página. Aquilo dava uma divulgação extraordinária ao movimento estudantil, mesmo que o cara disse “olha, esse maluco...”

Daniel Aarão Reis - Às vezes, eu fazia um comício-relâmpago, eu tenho uma foto aqui, na esquina da Ouvidor com a Rio Branco, com umas 20 ou 30 pessoas. A gente saía frustrado, pensando “poxa, tinha muito pouca gente”. No outro dia, essa foto aparecia na primeira página do *JB* e tinha uma repercussão extraordinária. E a gente dizia “poxa, a repercussão foi forte”. Quer dizer, a imprensa toda não, porque *O Globo* era muito crítico aos estudantes, mas havia o *JB*, *Correio da Manhã*, *Última Hora*. O *JB* criticava, mas noticiava.

Vladimir Palmeira - *O Globo* dava menos notícias e criticava mais. O *JB* dava muito notícia e criticava. O *Correio da Manhã* era mais simpático, e a *Última Hora* era a favor. Isso era o eco. Mas, em geral, como agem os meios de comunicação? Em geral, ficam do lado das classes dominantes. Hoje, eu fico espantado. *O Globo* faz uma matéria excelente sobre o assassinato da Marielle (vereadora Marielle Franco), uma não, fez diversas, e o *Jornal Nacional*, excelente. E o que faz a massa do PT? Bate no cara que está cobrindo a manifestação. Isso é um absurdo completo, em vez de usar isso para ajudar a encontrar os assassinos. É uma força *O Globo*.

Quando se fala muito na formação de uma frente, tem que se pensar em uma frente contra a barbárie. Precisamos de uma frente contra a barbárie, *O Globo* participa. É só unir para punir o pessoal que matou a Marielle. *O Globo* se dispôs a isso. E o que a esquerda faz? Grita: abaixo a Rede Globo. Assim, não vai resolver. Eleição é coisa programática, mas em coisas pontuais, como desmontar essa equipe de assassinos, da polícia, que mataram a Marielle, e não vai usar a *Globo*? Ao contrário, eu vi matéria no *Face* esculhambando a *Globo* e dizendo que estavam usando a Marielle. Então, não dá.

Daniel Aarão Reis - Voltando a 68. A tua convicção é que a imprensa teve um papel importante.

Vladimir Palmeira - Decisivo. Foi decisivo. E nos anos 1980, a TV. Quando eu chegava em alguns lugares, diziam “viu? passou na TV”.

Nelson Moreira - As imagens da mídia, dos cinegrafistas e equipes estrangeiras foram divulgadas também no exterior e tiveram grande repercussão.

Vladimir Palmeira - Ah, sim. O Morin (Edgard Morin) veio me entrevistar aqui no Rio. Teve, por exemplo, uma repercussão muito grande no Uruguai. Depois, no exílio, eu estive com os Tupamaros, e eles riam,

riam dizendo: “vimos passeatas a seu favor e agora você está nos servindo”. Eu trabalhei como garçom lá. E eles me sacaneavam, pedindo “Vladimir, uma cerveja”. Então teve um papel muito grande na América que a gente não tinha a dimensão. Atraiu interesse de muita gente de fora. O Gabeira montou uma reunião com correspondentes estrangeiros. Muita gente veio. O Morin queria discutir as coisas.

Daniel Aarão Reis - Outro aspecto que eu queria que você comentasse é o seguinte: já em 67, mas também em 68, começam as primeiras ações de guerrilha urbana aqui no Brasil, em São Paulo e no Rio. Há uma memória difusa na sociedade que articula essas duas coisas, o movimento dos estudantes e as ações armadas, mas são linhas separadas. Eu queria que você fizesse algum comentário. Sobre essas ações, como elas repercutiam? Por exemplo, nas passeatas você tinha slogans como “o povo organizado derruba a ditadura” ou “o povo armado derruba a ditadura”. Como é que se conectavam essa radicalização, que já estava levando a ações armadas, e o movimento estudantil?

Vladimir Palmeira - Aqui no Rio não tinha conexão nenhuma. A gente gritava: o povo armado, o Partidão gritava: o povo organizado. Mas não tinha conexão, que eu soubesse. Depois, teve um minoria de Niterói. O MR8 de Niterói quis fazer guerrilha. Mas a gente mesmo não fazia, que eu saiba. O que a gente tinha aprovado em nosso congresso era luta armado de todo tipo, na cidade, no campo, tipos de guerrilha variados. Mas ninguém achava que estava na hora de enfrentar o poder, nem que estava na hora da luta armada definitiva. Achava-se que tinha que usar a violência, mas isso era um processo muito longo. Era só estudante, e a gente insistia nisso: a gente só tinha estudante; não tinha operários ou camponeses. A gente era muito massista. Pelo menos aqui no Rio, até aquele período, não tinha ligação. Mas em São Paulo, não. Em São Paulo, o pessoal da dissidência já estava se ligando a esse pessoal das ações armadas. Não foram eles que fizeram as ações. Era o pessoal da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) em primeiro lugar, que eram militares e alguns saídos da guerrilha de Caparaó, em 1966. Esses militares, inclusive o que morreu depois, o Onofre, se ligaram lá, e alguns caras da dissidência, inclusive o Rodrigo, que era o nome de guerra e que era o líder deles, com quem eu tinha contato por outras circunstâncias, pela participação no movimento pró-Une, de 1965, um fórum de estudantes, quando eu fui a São Paulo conhecer o pessoal da USP. O Rodrigo e outros entraram na VPR. Depois, o pessoal da dissidência se aproximou do Marighella (Carlos Marighella). De forma que,

naquele congresso da UNE, esse pessoal já era ligado ao Marighella, o pessoal da dissidência de São Paulo. Aqui no Rio, que eu saiba, não. Nós aprovamos no primeiro congresso da dissidência comunista da Guanabara, em 1967, que líderes de massa não poderiam ser dirigentes, para ser mais democrático. Então, eu e ele (Daniel Aarão Reis) não entramos na direção eleita pelo congresso. Estávamos fora. Aí, a dissidência da Guanabara se dividiu em duas. Uma parte queria fazer aliança com o PCBR, chamada Corrente Revolucionária, que é onde estavam o Mário Alves, que era o principal dirigente, e o Apolônio de Carvalho, e o Jacob Gorender, e que aqui foi representado pelo Lincoln (Bicalho Roque), que era um cara muito inteligente, mas sempre ligado a esse outro setor. O Lincoln já tinha uma fração com o PC doB, ia mais longe. Mas a outra metade queria se unir à dissidência de São Paulo. Qual era o problema? No PCBR, uma corrente enfatizava o partido; os outros enfatizavam o foco guerrilheiro. Então, a direção se dividiu. Todos tinham uma base comum conosco. A gente tinha conversado com eles, e o pessoal do PCBR dizia: “o principal é o partido”; dentro do partido lutaremos pela luta armada. O pessoal do foco chegava para a gente e falava: “o principal é a luta armada; dentro da luta armada, lutaremos pelo partido”. E aí eu e o Daniel (Aarão Reis) recusamos isso. E eu soube, porque eu almoçava toda semana com eles, com a direção. Eu procurei o Daniel, que era presidente da UME. Aí nós chegamos, começamos a nos movimentar e fizemos uma linha. Nem foco nem burocracia, partido e luta armada. E ganhamos o congresso da dissidência, que era uma besteirinha. Mas, para surpresa nossa, nós ganhamos de todos juntos, porque eles expulsaram a turma do PCBR. O pessoal do foco achou que iria ganhar e expulsou o PCBR. Nós fomos lá e ganhamos deles. E aí eles saíram. Inclusive um amigo nosso, que eu não vou dizer o nome porque é muito meu amigo, disse: “nós não vamos aceitar o resultado”. Quinze dias depois estavam fora do partido. Então saíram, e nós ficamos. Dizem que é mentira, mas éramos umas 15 pessoas que ficamos mesmo. E tinha 125 pessoas organizadas em grupos. Era assim o nosso tamanho em 68. Nós éramos massistas. Agora, entrou uma nova leva nesses 125 e aí, depois que eu fui preso, nosso pessoal começou a se organizar e também a fazer ações. Mas, até esse momento em que eu fui preso, nós éramos massistas. Depois nosso próprio grupo aderiu à luta armada, sob meus protestos.

Daniel Aarão Reis - As ações de guerrilha em São Paulo, que começaram em 1968, esses movimentos não incidiam nas discussões de vocês como movimento estudantil? A decisão de fazer o congresso (da UNE) de Ibiúna na clandestinidade já não manifesta a presença dessa visão vanguardista?

Vladimir Palmeira - Eu não tenho elementos para responder isso. Mas aqui no Rio não tinha influência nenhuma. Quem tinha era o Arantes, que era do foco e era dirigente da UNE. Esse era muito inteligente. Mas o Arantes não ganhava ninguém, era uma dificuldade. Ele ganhava as bordas da gente. O pessoal que fazia segurança. Esse pessoal ele ia ganhando para o foco. Mas não ganhava ninguém de liderança, apesar de ser muito inteligente. O Arantes era assim. Nós ganhamos uma votação aqui contra a AP. E eu falava: "Travassos fala 10 minutos". Ele falava os 10 e pedia: "presidente Vladimir, mais dois". E eu respondia: "claro, Travassos". "Quero mais um". "Claro Travassos". E o Travassos falava 15 minutos. Aí entrava o Arantes, que era de outra ala da UNE, porque a UNE era assim: não podia falar um só. Aí o Arantes falava 10 minutos, e eu informava: "encerrou seu tempo, Arantes". Oitenta por cento a nosso favor, e o Arantes reclamava: "não. Eu tenho que ter o mesmo tempo do Travassos". Era assim. Aí 15 minutos, e ele pedia para falar mais. E isso com uma votação já decidida. O pessoal da luta armada era muito intolerante. E nós somos caras de massa, acostumados a negociar, a fazer. Entre os que participaram comigo, havia o Franklin (Martins) e Cid (Benjamim). O Cid entrou no primeiro ano e já foi para a direção da UNE. E o Franklin também. No primeiro ano, a direção da UNE acabou. O Franklin e o Cid entraram para me ajudar. No primeiro ano em 1968. Pode ser que eles tenham sido influenciados pelos confrontos. É possível. Eu não sei.

Nelson Moreira - Na sua avaliação, foi resultado da falta de opções de manifestação por causa da ditadura ou foi um processo que já vinha sendo maturado?

Vladimir Palmeira - Não. Nem um, nem outro. Já tinha grupos que queriam fazer a luta armada há muito tempo. Esse pessoal da VPR já tinha feito Caparaó. No início de 68, eles já faziam luta armada, tiro, bomba, essas coisas. No 1º de Maio, em São Paulo, já foram eles participando com a turma da VPR, queimando o palanque do 1º de Maio na Praça da Sé. Eu dizia na época que era errado e hoje continuo dizendo que foi um erro. Agora, isso não quer dizer que do outro lado estivesse um paraíso. Não é que se a gente não tivesse feito a luta armada teria havido um grande desenvolvimento do movimento. Não. A gente tinha que se adaptar a condições de clandestinidade mais difícil, trabalho de massa mais lento, mais demorado. Essas coisas são assim. Não tem saída milagrosa. Não se diga que, se a gente não fizesse a luta armada, haveria sucesso garantido. A gente sabe que em história não tem "se". Havia espaço para fazer trabalho político. Não é a luta armada a principal responsável. Tanto que o

Partidão também se ferrou todo durante a ditadura. Foi destruído. Mas porque é difícil mesmo fazer a luta política. Não quer dizer que, sem a luta armada, a gente tivesse escapado da destruição. Era uma possibilidade, mas a história não se refaz nunca. Mas nós sabíamos que a luta armada era uma furada. Aquela luta armada. Aliás, eu disse isso no meu julgamento, que eu era a favor da luta armada, de um exército popular, mas isso nada tinha a ver com assalto a banco. E não tão explícito não, porque eu entendia que, eventualmente, podia-se assaltar banco, mas no Brasil assaltar banco virou coisa bonita. Você assaltava um banco e no dia seguinte ia ver a repercussão no jornal. Não era uma ação de fundos para a guerrilha. Virou um ato em si mesmo. Tanto que a guerrilha urbana aqui no Brasil foi roubar banco. Tirando o PC d B que era maoísta e foi lá para o Araguaia, o resto, mesmo Marighella que tinha uma base, tinha contato no campo, ele não conseguiu chegar lá. Nem ele nem a turma dele. No exílio, eu tive muito contato com o pessoal de São Paulo, eu e Daniel. Eles queriam muito voltar para o Brasil. Os que voltaram foram todos mortos. E com nossa bênção. Não tinha muito o que a gente fazer. Eles perguntavam: “volto ou não volto”. Eu e Daniel dizíamos: “volta, né”. Todos foram mortos. A opção era ficar em Cuba. Ficar em Cuba significava não fazer nada.

Esse pessoal era crítico. O Laurindo descrevia a existência dele na luta armada de uma forma que você via que era uma coisa escandalosa. E não era só ele. Era um assalto hoje e não se fazia mais nada até a outra semana em que se ia fazer outro assalto a banco. E acho que não era a ideia original, nem de Marighella, fazer guerrilha urbana.. Isso entrou no vocabulário depois. Aquilo foi assim. E se buscou uma revisão teórica também. Eu não digo teórica no sentido de domínio do marxismo. Mas de pensamento político; nós não tínhamos tradição de pensamento político. Nós sabíamos fazer movimento de massa, aprendemos na marra. Por isso, éramos os mais políticos do Brasil, porque aprendemos com o movimento, mas não tínhamos cultura política. Então, acho que isso facilitou muito a ação desse pessoal que queria a luta armada.

Nelson Moreira - Naquela época, na década de 1960, como você falou, o mais forte era o movimento estudantil. Não havia apoio do movimento sindical?

Vladimir Palmeira - É porque não havia movimento. Eu não tenho nenhuma crítica. Os sindicalistas todos apoiavam o movimento estudantil. Agora, eles não tinham base. Em 1968, o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio não se solidarizou com a greve de São Paulo. Nós exigimos que ele se solidarizasse,

em junho, com a greve de Osasco. Mas tínhamos que compreender que eles não tinham base também. Não tinha aquele movimento. Mas eles foram nos 100 mil, foram na morte do Edson Luís, se dispuseram a participar da comissão popular, mas, do jeito que era o Rio. O Rio nunca foi vanguarda do movimento operário. Tinha tradição de quê aqui? A tradição de luta do Rio era a luta dos ferroviários, bancários e outros serviços. Lá em São Paulo, não. Você vê que, em 1964, não havia luta operária no Brasil.

Daniel Aarão Reis - Em 1968, a UNE articulou algo com as lideranças sindicais?

Vladimir Palmeira - Sim. Fomos a várias plenárias sindicais, mas nós nunca falamos. Eles nunca pediram e nós nunca fomos forçar a barra. Em São Paulo, a AP forçava a barra, dizendo “estudante tem que falar”. E falavam na marra para os operários. Eles tinham uma visão messiânica dos estudantes, um pouco como os populistas russos. E nós, não. A gente respeitava o movimento. Se o movimento operário quisesse, falaríamos. Nós éramos chamados. Fui a mais de uma plenária de operários, assembleias, e eles sempre foram muito gentis com a gente. Ficaram chateados justamente em 68 porque fomos para as portas dos sindicatos, chamamos de pelegos, Dizemos que eles tinham que apoiar o Ibrahim, lá de São Paulo. Nós fizemos três manifestações aqui. Ocupamos o Ministério do Trabalho em solidariedade à greve de Osasco. Fomos lá na porta dos Metalúrgicos. Fizemos também uma ação na Leopoldina, de apoio à greve de São Paulo.

Alice Melo - E como era a relação com outros movimentos, de negros, feministas?

Vladimir Palmeira - Movimento negro a gente não conhecia. E no movimento estudantil mesmo.. Nelson Rodrigues disse que foi nos 100 mil e não viu nenhum preto. Escreveu isso na crônica dele. E eu digo, mentiu, porque um dos nossos dirigentes era preto, que era o nosso Helinho, da Filosofia, que era o presidente do diretório. Mas não tinha mesmo muito preto naquela época no movimento. A gente não tinha muito contato. Nem com movimento de mulheres.

Daniel Aarão Reis - Eu ia chamar uma liderança do movimento negro para vir aqui hoje, mas, com problemas de agenda, ele não pôde vir. Mas ele mesmo me disse que o movimento negro no Brasil começa em 1972/73. Começam os bailes *black power*, que tiveram até enfrentamentos com a ditadura. Mas em 68 eles ainda não tinham... Quer dizer, o movimento negro tinha uma tradição no Brasil, mas

ela foi interrompida e só seria retomada no início dos anos 1970. Ou seja, em 1968 eles não estavam estruturados para ter uma participação pró-ativa.

Nelson Moreira - O que influencia nesse movimento dos anos 1970 era o movimento americano, que era muito forte, né? E a Olimpíada de 1972 foi marcante nesse sentido, né?

Vladimir Palmeira - Havia uma convicção aqui no Rio de Janeiro que havia uma grande sacanagem com os negros. E havia uma grande simpatia pelo movimento negro americano. E essa simpatia era porque eles apelavam para a força. Eram vanguarda nos Estados Unidos, os Black Panthers. Havia uma simpatia, mas não tinha expressão. O mesmo com o feminismo. O feminismo não trafegava ali com a gente.

Nelson Moreira - Nos Estados Unidos, também o movimento feminista era forte.

Vladimir Palmeira - Mas aqui não. As meninas de esquerda eram todas virgens. Tinham tirado a virgindade ideologicamente. Quando começa 64, o pessoal jovem ainda não tinha... Em 68 não ...liberou geral. Era uma fase de transição.

Daniel Aarão Reis - A pílula começa a circular aqui no Brasil em 65, 66. Isso favorece as relações sexuais fora do casamento.

Vladimir Palmeira - Eu estudei Direito e tinha muita moça já de mais idade. Direito geralmente tem gente mais velha, que vai tentar uma recuperação e vai para a Medicina, por exemplo. Ou vai para o Direito. Essas já eram moças de outra idade, mas as meninas mesmo, demorou um pouco. Foi com o tempo, com tempo, foi indo, foi indo. Em 68 já era liberou geral. Mas é claro que a influência americana era muito grande. O pessoal fala muito da França, mas a influência americana foi determinante aqui, porque tinha a Guerra do Vietnã. O que mais chamava a atenção no mundo era a Guerra do Vietnã. Então nós tínhamos isso. E tínhamos a luta dos negros e das mulheres. A luta dos negros tinha um impacto tão grande que tinha um cara que defendia uma insurreição urbana baseado nos em Black Panthers. A influência era muito maior que a de Paris. Paris foi aquela explosão. Mas nós já éramos um movimento constituído, e nesses anos todos nós ficamos influenciados... bom, revolução do povo, Che Guevara, aquela visão mítica. Mas não era a linha do Che que influenciava, era a figura, que, aliás, é admirável. O melhor do Che era a coerência dele e não o que ele fez.

Nelson Moreira - O movimento Black Power foi o primeiro movimento de afirmação do orgulho de ser negro, no jeito de vestir, no cabelo, na música. Isso criou uma divisão?

Daniel Aarão Reis - Essa liderança negra que viria aqui me disse: "olha, em 68 eu tinha já uma grande admiração por Luther King, pelos Panteras Negras, eu acompanhava o movimento nos Estados Unidos, mas eu estava estudando aqui, me virando.

Vladimir Palmeira - A mesma coisa que os brancos, que também admiravam Luther King.

Daniel Aarão Reis - Mas eu penso, e não sei se você concorda, havia uma grande tradição nas esquerdas brasileiras ligada às referências da república laica francesa e que não valorizavam essas lutas chamadas identitárias. Achavam que as demandas identitárias seriam atendidas na sequência da revolução vitoriosa e que colocar essas reivindicações com grande relevo iria fragmentar o movimento, iria dividir o movimento. Então, que não seria razoável defender isso. Havia esse argumento entre as vanguardas.

Vladimir Palmeira - Esse argumento existia, mas não existia luta. O argumento existia, mas a maioria conversava sobre isso do ponto de vista mundial. A questão não era visível aqui.

Nelson Moreira - Qual foi a influência do maio de 68 francês, daquela quase tomada da França pelos estudantes e operários, no movimento estudantil brasileiro?

Vladimir Palmeira - Não teve influência nenhuma. A única influência é que um cara do IFCS passou a levar uma bandeira preta para a passeata, uma bandeira enorme. A meu ver, não houve. Aqui, a influência maior foi a dos americanos e dos *vietcongs* ganhando a Guerra do Vietnã, que era a visão da gente de guerra, mais que da França. Os movimentos nos EUA eram vistos com simpatia, certamente.

Daniel Aarão Reis - O movimento francês foi muito intenso, mas foi muito rápido. Houve o maio francês estudantil, depois, houve a greve geral dos trabalhadores, ainda em maio, depois as manifestações da direita e houve eleições lá na França em junho, e as direitas ganharam. Aí começou um refluxo. Claro que contraditado por mil e uma ações de vanguarda, mas tenderam cada vez mais a se esvaír. Agora, o maio francês teve um certo impacto, foi muito televisionado.

Vladimir Palmeira - Não teve ninguém querendo seguir o maio francês; tava cheio de gente querendo seguir o Guevara. Não teve essa repercussão. Simpático. Mais nada.

Nelson Moreira - Houve de setores a esquerda, como o Partidão, resistência às teses do maio francês porque ele contestava também a União Soviética?

Vladimir Palmeira - O Partidão praticamente não existia no movimento estudantil em 68. Vocês gostam de dizer que o Maio francês teve influência, mas não teve, Teve aqui influência americana, e vocês, de esquerda, não gostam de dizer que teve influência americana. Francês é bom, tradição revolucionária. Americana não serve?

Alice Melo - Talvez seja importante a resignificação e o enquadramento do evento de 68 nas décadas seguinte, na década de 80, quando se começa a luta pela redemocratização, nos anos 90 a memória da resistência. Aí, eu queria que se chegasse um pouco aos eventos de 2013 e como 68 foi retomado, mas de uma forma totalmente diferente.

Vladimir Palmeira - O que influenciou aqui o comportamento, que já vinha acontecendo, o que teve a ver com isto maio francês? As moças não começaram a transar por causa do maio francês. As moças não começaram a transar aqui por causa de Nanterre. Você pega o que veio no Brasil depois, um, é a luta armada, de influência cubana, a influência foi cubana, e o movimento *black* americano, e o movimento das mulheres americano. Então não foi a França. A História tem que ser estudada. O que houve era muito ligado à realidade latino-americana e aos Estados Unidos.

Daniel Aarão Reis - A própria incidência da luta latino-americana. Por exemplo, o México e o massacre. Depois, em 69 na Argentina, o Cordobaço. Eu fui tomar contato agora há pouco com os acontecimentos de 68 no Chile. Veio um professor chileno aqui. Mas na época as relações que tínhamos com a América Latina eram mínimas.

Vladimir Palmeira - Eu não vi a França. A influência francesa foi através do Régis Debray (intelectual francês, autor de A revolução na revolução, livro que fez furor entre as vanguardas, trazia a visão do Che e do Fidel sobre a revolução cubana e alternativas para a revolução latino-americana, com ênfase no foco guerrilheiro rural). .

Nelson Moreira - A influência americana se deveu ao fato de as agências de notícia divulgaram mais o que acontecia nos Estados Unidos?

Vladimir Palmeira - Claro que não. Há muito preconceito. O maio francês teve divulgação intensa, maior que tudo, pois era uma luta de dimensão mundial. Os Estados Unidos eram o centro do questionamento. Ali era um negócio importante para a gente. Ali estava o centro do capitalismo, se jogava o destino do mundo. Então, a ação estudantil, das mulheres, era algo fundamental para nós. Uma guerrilha nos Estados Unidos era uma coisa notável. O maio francês era interessante, mas só.

Daniel Aarão Reis - A contracultura também veio muito inspirada pelos hippies dos Estados Unidos. A contracultura se tornou o *udigrúdi* aqui no Brasil, que depois se tornou tema constante no Pasquim, e houve o fenômeno do desbunde, com pessoas migrando para cidades litorâneas, cujas praias naquela época eram abandonadas, que não tinham ninguém, Porto Seguro, Cabo Frio. Todas essas gentes que migraram, insatisfeitas com a ditadura, mas não querendo aderir à luta armada, adotaram formas de resistência próximos da contracultura americana.

Nelson Moreira - E a contracultura americana, que teve influência aqui, assumiu o papel de ser contra o consumo, de ser contra o capitalismo através da negação do consumo. Isso foi uma coisa muito séria naquele momento. E como foi importante a influência dos pensadores, dos filósofos naquela época? E teve um cara que influenciou muito aquela geração americana que era Marcuse (Herbert) em seu desejo de contestar a sociedade industrial, em contestar não com as armas, com a guerrilha, mas com uma outra forma de sociedade.

Daniel Aarão Reis - E teve Willian Reich, com sua teoria. Ele era alemão, mas suas traduções eram do inglês.

Vladimir Palmeira - Isso não influenciou nada no movimento. Isso é uma mania de intelectual de achar que é a teoria que guia o mundo. Não é. Você pega as teses do Lênin, o que Lênin dizia sobre a Rússia não teve nada a ver com os eventos de 1905. Aliás, a Conceição Tavares, quando eu estava fazendo a minha tese, ela disse para mim: "Vladimir, não vai dizer que o pensamento do Lênin saiu da análise dele da Rússia". Muito pelo contrário. O Lênin negou todas as análises teóricas que ele tinha feito sobre a

Rússia. Onde é que ele foi fazer política? Em cima da luta de classes. Então, esse negócio de Marcuse, que era simpático, saía no jornal, não teve porra nenhuma a ver com o movimento de base,

Nelson Moreira - Lá não?

Vladimir Palmeira - Aqui. Nos Estados Unidos, eu não sou expert em movimento estudantil

Daniel Aarão Reis - Lá, a rigor, eu vejo assim, as formulações de Marcuse ganharam divulgação ampla porque elas eram produto de um movimento lá existente. Ele generalizou e teorizou aquele movimento. Ele falou: "a classe operária está fazendo passeata a favor da Guerra do Vietnã, e as mulheres, os jovens, os negros, num movimento permanente contra". Daí, ele começou a pensar: o capitalismo só pode ser questionado por forças que estão fora dele. Que não tenham sido incorporadas ainda plenamente. Ou seja, o pensamento dele é muito produto de um processo. Do movimento social que estava em curso.

Nelson Moreira - Que levou muitas pessoas, no caso da Guerra do Vietnã, que se recusaram a ir para a guerra. Foi uma coisa que levaria a uma outra clandestinidade. E na época, eu me lembro...

Daniel Aarão Reis -A Guerra do Vietnã era tão forte, isso é muito esquecido, que o Martin Luther King[Jr.] em 67, um ano antes de seu assassinato, faz um discurso contundente contra a Guerra do Vietnã. E até os assessores dele dizem: 'Poxa, isso não tem nada a ver com a nossa luta'. Ele disse: tem, porque no Vietnã os jovens que estão morrendo são negros. Ele tinha uma estatística que 12% era a proporção de negros na sociedade norte-americana e era quase 40% de negros que estavam morrendo na Guerra do Vietnã. Ele dizia: 'Estamos lutando pela liberdade no Vietnã, mas não temos liberdade aqui no Mississippi, Missouri, Nova York...?'Ele faz um discurso contundente contra a Guerra do Vietnã.

Nelson Moreira - Eu me lembro que, na época, a repercussão foi muito grande. A recusa do ainda Cassius Clay [Muhammad Ali] de ir para guerra à custa de perder o título mundial. E depois se transformou num grande ídolo mundial. Ele estava com o mesmo discurso que se tem hoje, o cara não levanta para o hino nacional, porque ele dizia que não era americano, ele era negro. E negro não era americano para os brancos. Essa coisa foi importante também, influenciou muito o movimento negro.

Daniel Aarão Reis - Agora, aqui no Brasil em 68, na era da música, já se tem uma série de músicos

negros incorporando elementos do movimento negro norte-americano. Tem gente que reivindica isso. Mas o movimento social, a maneira de ser dos americanos, correntes relógios, cabelo grande... Outra coisa, a questão das drogas leves. Alguma incidência no movimento estudantil, nas lideranças?

Vladimir Palmeira - Não. Que eu saiba, devia ter gente que fumasse, mas nunca me ofereceram um cigarro, imagine coisa pior. Devia ter gente que gostava, mas não muito.

Nelson Moreira - Já ouvi pessoas dizerem que havia dentro das esquerdas uma aversão muito grande às drogas. Que a droga era o vinho, a cachaça, gostavam de álcool, mas tinham aversão à droga. Tanto que na geração que chamavam de desbunde, o pessoal que foi para droga, havia uma grande contrariedade da esquerda com essa gente.

Daniel Aarão Reis - Eu acho que as esquerdas mais representativas ainda viam com muito maus olhos as experiências com drogas. Tinha na nossa organização um pequeno grupo que fumava maconha, mas eles eram muito discretos. Da mesma maneira em relação aos gays. Havia muito preconceito contra os gays. O próprio Herbert Daniel [Herbet Eustáquio de Carvalho, militante, jornalista e ativista LGBT], que não era da nossa organização, era de Minas, ele fala isso nos livros autobiográficos dele, de que se ele se revelasse gay, naquela época, ele seria marginalizado. Só pôde 'sair do armário' na França, no exílio. E nós tivemos também alguns gays que só se assumiram na França. Aqui, as condições eram muito hostis. Da sociedade como um todo, mas das esquerdas também. Foram questões muito fortes nos Estados Unidos, menos na França – nesse ponto, o maio francês era muito careta ainda. E aqui no Brasil, a incidência foi muito marginal dessas problemáticas das drogas e da liberação sexual. Quem vivia essa problemática em seu cotidiano eram as minorias das minorias. Você não via assim, Vladimir?

Vladimir Palmeira - Não existia esse problema. Não estava em discussão.

Daniel Aarão Reis - Eu diria que estava, mas à margem.

Nelson Moreira - Até você falou, o termo "udigrúdi" ficou marcado por um tipo de cinema, de uma certa cultura que se fez no Brasil, que estava quase o tempo todo à margem da esquerda. Como contradição para esquerda. Pelo que eu sei, quem usou pela primeira vez o termo "udigrúdi" foi Glauber Rocha como uma forma pejorativa em relação ao movimento *underground*. E os caras adotaram essa forma como

provação a....

Daniel Aarão Reis - Uma coisa clássica. Você pega um insulto...

Nelson Moreira - Teria sido o Rogério Sganzerla, que seria um adversário pessoal do Glauber. Vários motivos – estéticos e familiares, inclusive. E usou esse termo durante muito tempo. Ficou esse conflito: o pessoal do desbunde e o pessoal da esquerda. E foi o pessoal do desbunde que se apresentava como mais progressista em determinado momento, chamavam o pessoal da esquerda de conservador, que não estavam tocando estas coisas. Até no feminismo, porque...

Daniel Aarão Reis - O movimento aqui, como disse o Vladimir, foi muito de caráter sindical. No sentido de que era muito mais ligado às reivindicações, quer dizer, quando ele ganhou força. Havia evidentemente outras tendências, que foram derrotadas, que sustentavam que o mais importante era denunciar a ditadura, era a luta política, mas esse pessoal acabou perdendo força no contexto do movimento. O movimento cresceu muito porque as teses deles tinham sido derrotadas.

Nelson Moreira - Eram coisas vagas.

Vladimir Palmeira - Às vezes coisas vagas mobilizam, tudo depende. Movimento de massa não tem ciência. Às vezes uma coisa qualquer mobiliza e você não entende porquê. Que nem 2013. Ninguém achou que a questão do transporte iria mobilizar ... mas mobilizou. Quando o Daniel era o presidente da UME, era comum um grupo pequeno chegar e dizer:, num dia qualquer da semana: amanhã, vamos fazer uma manifestação. Juntavam cinco pessoas, pegavam uma mesa do Amarelinho e faziam ali um comício, no Amarelinho.

Daniel Aarão Reis - Que nem esses caras fazem hoje: 'Greve geral dia 25 de março'. Por que não dia 27, dia 31? Eles marcam burocraticamente. 'Vai parar o Brasil...'. De modo geral, eles marcam sexta-feira, que o pessoal faz a ponte para o sábado e o domingo. Eles não se baseiam no processo social.

Vladimir Palmeira - Esse negócio de greve é um fiasco. Eu me espanto que o PSTU, e eu estou elogiando pela coerência deles, fazem isso há 50 anos para qualquer conjuntura. É greve geral. 50 anos com a mesma palavra de ordem? Não dá.

Alice Melo - Acho melhor voltarmos um pouco para falar de meios de comunicação e imprensa, para falar dessa resignificação da memória de 68 ao longo das décadas. Queria que você comentasse um pouco como você vê a transformação do evento ao longo do tempo e os usos que se faz desse...

Vladimir Palmeira - O movimento estudantil é um movimento de alta rotatividade. O que acontece? A história do movimento operário na Europa, ela é uma história que passa de pai para filho, para neto. Filho operário, neto operário. E o sindicato era um elemento que guardava a memória, quando caía o movimento de massa, o sindicato era o guardador das lutas. Então mantinha uma tradição, uma linha ao longo dos anos, vão se desenhando várias tendências sociais. O movimento estudantil, não. É um movimento de alta rotatividade, você passa cinco anos e sai. Então, quando vem o AI-5, rompe-se a memória do movimento estudantil. Rompeu. Quando recomeçam o movimento, em 75, se não me engano na PUC de São Paulo, no Rio também, ele é um movimento que não tem nada a ver com o nosso. Por causa disso: não se preservou a memória. As entidades estudantis foram todas destruídas.. O que tinha de vanguarda foi para a luta armada. Então, eu vi e ri muito no exílio – porque os anos 70 são anos que não conheço muito, porque eu estava fora – mas eu ri quando vi o jornal e os caras do DCE, em São Paulo, diziam: ‘Não faremos como em 68, nós não queremos o poder’. Que era uma coisa que a gente dizia, nós queríamos o poder com a classe operária, os trabalhadores. Eles reinventaram. Disseram que o movimento de 68 queria o poder, queria o controle do poder. E diziam que não queriam nada com 68. E ao mesmo tempo, eles foram muito mais políticos do que nós, porque só faziam política, praticamente, no movimento estudantil. Luta contra ditadura, anistia, que era luta política. Então tem essa ruptura. Por isso não se fala. Por isso não é como o movimento operário europeu ou mesmo brasileiro. Naquela época os operários tinham uma história. Há 20 anos apareceu, como era o nome... Batistinha [Demisthoclides Baptista], que era líder ferroviário em 64.

Daniel Aarão Reis: Esse cara que foi assassinado?

Vladimir Palmeira - Não. Mas já morreu, eu acho.¹ O Batistinha foi cassado, voltou e foi candidato ao Senado pelo PT. Quer dizer, o movimento sindical tem um histórico... O movimento estudantil não, não tem essa memória. E o movimento estudantil que vem depois de 68 é inteiramente diferente. Quando eu voltei ao Brasil, ao contrário dos bolcheviques, eu queria muito tomar banho de mar,

1 Demisthoclides Baptista morreu aos 97 anos em Niterói.

beber e namorar. Aí a moça com quem eu morava em Paris veio comigo, mas eu tinha que cumprir meus deveres. Então, visitei algumas capitais do Brasil, enquanto o César e o Cid Benjamin estavam comprometidos na formação do PT, andei por aí..Quando ia no DCE de algum lugar, e tinha até aquele quadro que o pessoal bota de apoio político, só se falava da Albânia. Só Albânia. E onde eu fui no Brasil era só política. Não era assim na nossa época. E eu ria. A Convergência Socialista na época me chamou para um debate com os estudantes, e eu fiquei com pena, eles achavam que vinha algo de luta [armada]. Mas maio de 68 foi uma tremenda decepção, porque o movimento estudantil que reaparece nos anos 1980 é um movimento dominado pelas organizações, manipulado. Não quer dizer que as organizações não tivessem influência na nossa época. Mas Daniel (Aarão Reis) era dirigente da minha organização, dava opinião, mas quem fazia o movimento éramos nós. Autonomia sindical. Desde que não fizesse alguma coisa contra os princípios da organização, tinha autonomia de decisão. Recebíamos sugestões, nada além disso. Aqui, não. Virou um movimento manipulado, a pessoa entra para uma organização e, no sindicato, comporta-se como membro de sua própria organização política e não como membro da organização dos estudantes. E isso ganhou conotação geral, funciona assim com todos os partidos. Aí o PCdoB na época tomou uma posição mais forte na UNE, o PT virou minoria, o PSOL veio depois. Não tem movimento estudantil como representação da categoria. Então perdeu caráter sindical e virou um foco de disputa de grupos políticos. Uns piores, outros melhores. Por isso, o movimento dos caras pintadas contra o Fernando Collor, em 1992, liderado pelo Lindberg [Farias] acabou. Você vê: os estudantes foram às ruas espontaneamente contra o Collor. Resultado: quando acabou o negócio do Collor, acabou o movimento estudantil. Eles não capitalizaram nada, não sobrou nada. Nem um diretório a mais, nem uma organização, nada. Nem uma questão sobre a universidade. Foi um movimento tipicamente político no qual a juventude participou. E a juventude, o Brasil precisa, ela termina aparecendo. E ela apareceu. Agora, aquilo não foi movimento estudantil, apesar de serem estudantes que fizeram. E não foi capitalizado. Então se você for ver a história depois, eu rio, porque lá no filme que o PCdoB encomendou para o nosso... como é o nome do nosso grande cineasta?

Daniel Aarão Reis - *Sílvio Tandler, responsável por uma “História oficial das esquerdas”.*

Vladimir Palmeira - História da UNE, pelo PCdoB, quando fala do impeachment do Collor, quem primeiramente aparece é o Orlando [Silva Jr., tesoureiro do PCdoB na época dos Caras Pintadas]. Eu não

tenho nada contra o Orlando, que era vice-presidente da UNE. Mas o Lindberg, sem dúvida nenhuma, era a figura mais importante. Então esse movimento desapareceu... Eu acompanhei um tempo o DCE da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a cada dois anos, a cada ano, caía a direção. E eu dizia: não é possível.. Porque é PSOL, PT, PCdoB, mas todo ano caía. Porque o PT também racha, tem articulação. Mas todos caíram, porque não representam nada. Viviam caindo. O movimento estudantil no Brasil não tem representatividade. Imagino que haja lugares que tenham. Mas, no geral, o movimento estudantil, é um movimento vazio, não representa coisa nenhuma.

Alice Melo - Hoje a gente vê outras manifestações, como a ocupação das escolas em São Paulo, que começou com a questão da merenda. E os adolescentes começaram a ocupar as escolas de forma sistemática, mas depois se esvaziou talvez por uma falta de... talvez não exista mais essa noção de movimento, sindicalização, é algo mais pulverizado.

Vladimir Palmeira - Mas você vê, também é diferente. Em São Paulo, o movimento foi mais autônomo, independente. Não teve desdobramento, mas certamente daqui a alguns anos essa turma vai aparecer de uma forma ou de outra. Aqui no Rio, não. Parte do movimento foi feito por grupos políticos. Parte não, mas parte sim. Vamos voltar a 2013. Um movimento de transporte pegou. Cresceu, virou um movimento político, porque era saúde, educação, contra discriminação, pau no [Marco] Feliciano. Mas cadê aqueles meninos do transporte? São meninos valiosos. Mas não chegaram lá de repente.... Aquilo cresceu de um jeito para o qual eles não tinham desdobramento. O que se faz depois? Uma coisa que aprendemos no movimento estudantil, eu, Daniel, é que não dávamos um passo sem pensar no que vamos fazer depois. Dizíamos: vamos fazer isso! Mas e depois? Qual o desdobramento? Como faz? Vamos fazer uma manifestação, vai cair, o que a gente faz? Volta para a faculdade para depois recuperar. É uma preocupação de movimento de massa. Em 2013, o pessoal não estava preparado. Em São Paulo era o melhor pessoal, no Rio era mais fraquinho. O pessoal não sabia o que fazer. E se ganham, como ganharam, eles ganharam e o movimento continuou... É difícil julgá-los, porque eles não estavam preparados, não se prepararam para isso. Mas a esquerda brasileira também não deu desdobramento nenhum. O cara do partido só faz desgastar o governo vigente ou o prefeito, não tem desdobramento como movimento de massa. E os meninos do transporte não pensaram. Quando fizeram aquelas grandes manifestações: vamos desdobrar em outros braços? Educação, saúde... Vamos pegar essas reivindicações por bairro?

Vamos separar, marcar uma plenária de saúde para discutir saúde em cada unidade da federação, subprefeitura? E não conseguiram. Aqui no Rio reuniram 300 mil pessoas, mas não teve desdobramento nenhum, não conseguiram dar desdobramento. Não conseguiram dar desdobramento de ligação por universidade, município ou lugar. E em termos políticos? O que vamos fazer? Vamos fazer uma comissão popular para continuar essa luta, que não é só transporte, é educação, saúde, como a gente compõe isso? Vamos fazer reuniões, vamos fazer sei lá o que.... Podia não dar certo, mas era um desdobramento. Se desse errado, você pensava outro desdobramento, mas aqui não tem nenhum. É um movimento só para achar um adversário. E 2013, depois dividiu, porque a direita apareceu, e o PT também. Então o PT errou completamente, não participou e quando foi participar disse: 'Vamos levar nossas bandeiras'. Aí não pode, um movimento que não era dele, tinha que ir com discricção. E a direita, gente de base... Isso aqui não tem partido, é um movimento de base. Teve uma grande rejeição aos partidos existentes. Não foi só ao PT. E o PT não soube aprender e deu naquilo que deu. Quando o pessoal do transporte parou as manifestações, eles até tinham um motivo real para parar, porque alcançaram seus objetivos, , mas a direita continuou. E acabou. Não teve desdobramento. E aqui no Rio idem, mas com meninos que são muito poucos, os meninos do transporte aqui. Mas a esquerda reuniu mil 2 mil pessoas aqui e não soube o que fazer, porque a mentalidade aqui é desgastar. Porque o centro da vida política é eleição, sem preocupação com o desenvolvimento do movimento de massas.

Alice Melo - Mas você falou que naquela época *O Globo* dava pouca notícia e criticava muito, o *Jornal do Brasil* já dava mais notícia e criticava em parte. Agora, com relação à destruição da cidade, das ações violentas dentro do movimento: como a imprensa cobria naquela época essa relação da violência nas manifestações? Dá para fazer um paralelo, sem ser muito anacrônico, com a questão dos "vândalos" na cobertura da imprensa nas manifestações atuais?

Vladimir Palmeira - Nós não quebrávamos nada. A orientação era não quebrar nada, não tocar em nada. Nós só queimávamos carro da polícia. Às vezes, inadvertidamente, um carro oficial. Mas não queimávamos coisa nenhuma outra, nem atacávamos. Tanto que quando a gente fez a passeata dos 50 mil, que nos 100 mil deram ponto facultativo, mas nos 50 mil, não. E alguns caras começaram a fechar porta e a massa gritava: 'Deixa aberta, quem quebra é a polícia!'. A polícia que depredava, não éramos nós. A manifestação era bem clara, talvez por viver sob a ditadura, de não agredir ninguém, nada, o

máximo possível, salvo o que era da polícia e do governo. Éramos atenciosos, quando pegávamos, tirávamos os policiais, e queimávamos o carro. Então não tinha violência gratuita. Tinha liderança, nossa liderança era muito acatada, porque éramos um movimento orgânico. Quer dizer, representativo das escolas, das faculdades. Você imagina a dificuldade dos meninos de São Paulo, que tinha um grupinho que fazia transporte e uma multidão com laço nenhum [em 2013]. Então os caras queimavam carro, queimavam loja, banca de jornal, que é o fim. Por que, meu Deus? Está cheio de maluco na esquerda. Mas nós não, tínhamos um bloco sindical, orgânico, representativo, com centenas de estudantes organizados, chegamos a ter dois mil, que controlavam a manifestação também. O pessoal era dividido em grupos, tinha grupos organizados, e tinha uma linha: não quebra nada, zero. A não ser tocar fogo no carro da polícia. E mesmo assim – uma vez fizeram uma passeata comigo e eu sempre fui no meio. Ia conversando, porque era isso. Pessoal falava o que queria, subia no teto do carro, eu ia conversando com o Arantes. E o Arantes, um pouco deslumbrado com o movimento estudantil, porque era uma tranquilidade. Aí de repente, chegava um cara e falava: ‘Vladimir, acontece isso, que [a gente] faz?’. Chegava o cara da retaguarda: ‘Vladimir, como é? Faça assim?’ Tinha um esquema de gente trabalhando, inclusive muitos secundaristas, que correm mais, e ficavam ali controlando. Tem polícia, não tem polícia? Aquilo era orgânico, eu não ficava me esgoelando. Era um movimento organizado. Quando eu levantava, ia para um carro para falar, se fazia silêncio. É porque tinha estrutura e direções políticas intermediárias, que seguravam tudo. O Gramsci dizia: quem faz o Exército são os oficiais, mas um Exército só é operativo quando tem sargento. Quer dizer, liderança intermediária, que às vezes virava uma grande liderança. Isso o pessoal não tem [hoje]. Como não tem estrutura sindical, que lute sistematicamente com ideias de esquerda, embora existam movimentos sindicais com partidos e tal, mas fica nisto. E mais: que o objetivo não é ter desdobramento nenhum para você. O desdobramento do pessoal de esquerda é desgastar o inimigo eleitoral. Não é dar desdobramento ao movimento de massa. E na minha época era um movimento de massa, nós não queríamos apoiar o MDB, nem a Frente Ampla. Nosso combate era com o governo e com a direção da universidade. Então, hoje, o pessoal de transporte conseguiu uma vitória, mas eles não têm um objetivo como movimento de massa, tirando esse. E eles ganharam a reivindicação imediata, já o passe livre é difícil de ser alcançado. Por outro lado, enquanto movimento, é muito difícil de se fazer. E os partidos políticos fazem movimento de massa para desgastar o prefeito, o governador, quem quer que seja. Não tem uma orgânica de movimento de massa. Precisa sair uma esquerda independente como essa das ocupações das escolas, do próprio pessoal de 2013... Agora,

quando a esquerda se mete é para melar. Chegam lá e começam a impor grupos políticos e palavras de ordem de fora ao movimento, enfim, eles não veem um desdobramento, um avanço orgânico da consciência dos manifestantes. Eles querem chegar lá e ter sua própria teoria. É uma dificuldade, mas não sei como resolver. Mesmo se eu estivesse no movimento de massa, é difícil. Porque os partidos estão todos no jogo eleitoral... Como é que você dá um desdobramento no movimento de massa que vai ultrapassar tudo isso? Que possa significar uma intervenção plebeia na vida política do país? Não é fácil de alguém se interessar por fazer esse trabalho de centralizar, lutar, juntar, marcar, fazer daquilo um grande movimento. Mesmo porque o pessoal tem medo. Quando o Daniel fala hoje em Frente Democrática. É difícil fazer uma coisa deste tipo. . Eu só acredito em movimento de massa, saindo das bases, para renovar a política brasileira. Aí se sair e começar a aparecer uma consistência, eu acredito. E aí a velharia que está aí, pode se dispor a dar uma ajuda.

Alice Melo - Mas em 2013, muita gente foi presa também. Das lideranças novas.

Vladimir Palmeira - É, mas isso faz parte, não tem jeito. Se o movimento tivesse dimensão, seriam reintegrados nisso. Tem muitos que têm medo. Naquele movimento estudantil [68], muita gente parou. Isso acontece, mas só se faz assim. Quantos, em compensação, perderam a vida e arriscaram tudo. E outros, não perderam a vida, embora tenham arriscado muito.

Daniel Aarão Reis - E as pessoas permanecem, mesmo perdendo. Às vezes, o movimento é tão forte que vai superando o medo, derrota-se o medo.

Vladimir Palmeira - Derrota-se o medo, porque o medo é permanente. Mas acontece, é isso mesmo. É difícil ter um movimento de consistência no Brasil. O que aconteceu em São Paulo me entusiasmou. O pessoal da ocupação.

Daniel Aarão Reis - As escolas lá, inclusive, tiveram uma conquista importante. Eles bloquearam o plano do Alckmin. Também ganharam.

Vladimir Palmeira - Sim. Mas como é que se faz um movimento duradouro, de natureza sindical? Essa própria coisa de constituir uma direção sindical com base na proporcionalidade, não devia ter proporcionalidade, quem tiver mais voto, ganha. Ali tem uma direção com sete chapas. Aí ninguém

tem responsabilidade. E a direção do movimento é ninguém, ninguém tem responsabilidade. Eu sou muito descrente do movimento de massa no Brasil, estruturado, sindical, político. Os que existem não ganham uma dimensão que se possa apoiar. Eu acho válidas todas as contribuições, de quem é do PT, PSTU, etc. Eles tem contribuições, mas não queiram ir lá mandar. E o seguinte: olha o retrato que o Brasil está e não tem movimento de massa. Esses protestos do Lula são de petistas, só de petistas. E há outra coisa. Por exemplo, no movimento pró e contra o impeachment da Dilma,, a *Folha* fez uma pesquisa interessantíssima sobre a composição social. Todos os dois lados eram classe média.

Alice Melo - Tinham mais de 40 anos, etc.

Nelson Moreira - Mas isso foi diferente em alguma época no Brasil?

Vladimir Palmeira - Claro que foi. As ligas camponesas, o pré-64, e o movimento operário no Rio de Janeiro, o movimento estudantil, o movimento dos marinheiros.... Teve o movimento do Lula, em São Bernardo, o movimento liderado pelo Ibrahim em Osasco...

Daniel Aarão Reis - Nos bons tempos, o Lula reunia 130 mil pessoas.

Nelson Moreira - Mas não é uma manifestação localizada naquele momento da greve? O que tem desdobramento para a massa, nos anos 1980, era um movimento grevista. A partir das fábricas.

Vladimir Palmeira - O nosso movimento era um movimento de escola, mas tinha desdobramento. O movimento do Lula tinha desdobramento. E enfrentava o movimento da ditadura. Então tinha desdobramento. O Lula saía fazendo aliança. Nós não fizemos conselho popular, como é, essa comissão? O Lula foi lá, pegou Fernando Henrique, pegou não sei quem para ampliar a defesa do movimento dele. E tentou acabar aquele negócio de fim da ditadura. Pelas Diretas Já.

Alice Melo - O movimento pró-impeachment teve desdobramento, mas era um movimento midiaticizado..

Vladimir Palmeira - E acabou mesmo porque houve o impeachment, aí declina o movimento. Outro fator que interfere é a eleição. Cada grupo se une, entra com um candidato ou outro. Mas eles ganharam. Então entra o vagabundo do Temer e eles estão suportando. Fazer o quê?

Alice Melo - Mas porque era um movimento midiaticizado, que parte da televisão.

Daniel Aarão Reis - mas a mídia não inventa. Eu acho que há uma corrente de direita forte na sociedade brasileira. Que queria a cabeça da Dilma, embora a Dilma não fosse nenhuma ameaça ao regime capitalista, eles queriam, tinham seus motivos para isso. E, claro, a mídia ajuda, potencializa.

Vladimir Palmeira - Não era a direita, era uma ampla faixa da população. A Dilma tinha 8% de aprovação de governo. Na manifestação de 2013, teve muita participação de *blackblocs*, que eram como chupa-sangues de manifestação. Eles chegavam e iam para conflito com a polícia. Esse pessoal começou a mandar nas manifestações. Não foi a direita. Era a esquerda anarquista, violenta, que começou a fazer aquilo. E eu disse: 'Vai acabar com 20 pessoas, porque ninguém quer isso, ninguém suporta.' Então não diga que a direita absorveu 2013, de jeito nenhum. Aquilo foi a extrema esquerda que fez aquilo, com as barbaridades que ela faz. Movimento de massa mascarado? Está brincando.... Como é que vai ser um movimento permanente se não tem liderança? Como o pessoal pensa nessas coisas? Onde é que já se viu um movimento mascarado de esquerda chegar ao poder ou ter alguma influência? Nunca.

Alice Melo - Mas será que não é uma nova configuração de um tipo de manifestação?

Vladimir Palmeira - Nunca vi como é que eles vão fazer um movimento de massa, sem liderança, sem ninguém. Brigam com a polícia.

Nelson Moreira - Mas a gente não sabe se esses *blackblocs* são movimentos de esquerda ou infiltrados.

Vladimir Palmeira - Isso são movimentos de esquerda! Infiltrados também, mas não é maioria.

Nelson Moreira - Aqui na Rua das Laranjeiras, uma manifestação dessa, saiu até no Jornal Nacional. Os caras eram policiais, saíam e tiravam as máscaras.

Vladimir Palmeira - Infiltrações sempre têm, mas não julgue o movimento por isso. O movimento estudantil também teve infiltração, nas organizações revolucionárias também tem infiltração... Isso é resultado da conjuntura que a gente vive. Sem concepção de desdobramento é difícil ter movimento de massa.

Bem, penso este é o balanço que faço dos movimentos de 1968. Espero ter contribuído para uma compreensão melhor daqueles anos.